

ELT - Escola Livre de Teatro  
Santo André

Montagem 2001/2002 – Formação 4  
Direção de Georgette Fadel  
Trilha Sonora de Gustavo Kurlat  
Preparação Física de Verônica Nóbile

39 PS

## Leo não pode mudar o mundo

De Antônio Rogério Toscano

Toscano

**Resumo:** Esta peça focaliza um dia (aproximadamente vinte e quatro horas seguidas) na vida de pessoas que vivem a violência e a poesia do centro da cidade de São Paulo. Estão submetidas a situações cotidianas de extrema violência e desilusão. Excluídas, marginalizam-se e se protegem umas às outras. Estão muito próximas da explosão de limites conhecida nos jornais sensacionalistas que veiculam nos centros urbanos. Suas vidas são vitimadas pelo descaso social contemporâneo e, por isso, tornam-se ameaças aos cercados mal-feitos da classe média.

Todas as situações são inspiradas pela obra do artista plástico José Leonilson "Leo não consegue mudar o mundo".

**Personagens:**

**Leo.** Garoto que talvez gostasse de mudar o mundo

**Nina.** Menina rica, cheia de solidão

**Pardal.** Moleção, apaixonado por Nina

**Juca.** Menino inseqüente e livre

**Zé.** Moleque muito largado, parece gostar muito de Leo

**Marlene.** Puta cansada, um bagulho

**Tonho.** Vendedor de – entre outras coisas – amendoim, aleijado

**Rosa.** Dona de casa, abandonada pelo marido

**Leila.** Lésbica, dona de boate podreira

**Lady Diet.** Drag queen, gordíssima

**Cícero.** Menino bonito, nordestino, apaixonado por Lady Diet

**Fernanda.** Estudante de jornalismo, jovem e decidida

**Patrícia.** Estudante de jornalismo, amiga de Fernanda

**Maria.** Mãe de Leo, evangélica

**Eddy.** Filho de Rosa, dançarino como Leo

**Abel.** Travesti, casado com Leila

**Mané.** Trabalhador, rapaz simples

**Pastor.** Evangélico, tem desejos proibidos

**PoliciaI 1.** Homem rude, bruto

**PoliciaI 2.** Também rude, também bruto

**I. Panorâmica da Solidão, 00h02**

*(Prólogo. De cima de um viaduto próximo à Estação da Luz, Leo perde de vista o último carro do trem que passa sob os seus pés. Longe de tudo, ele fala para si mesmo – ou para o público.)*

LEO Todos os dias, quando saio de casa e olho o mundo de cima do viaduto, parece que eu fui embora. Que tudo mudou. *(Tempo.)* Longe de tudo, eu olho para baixo e o trem passa sob os meus pés. Sozinho, perdido no barulho do trem, eu vôo alto... Alto, cada vez mais alto com o barulho alto do trem. Até que os vagões passam e eu só escuto a cidade... *(Tempo.)* Então, eu caio... De asa quebrada, eu fico parado, olhando o mundo pelo viaduto. *(Tempo.)* Eu não sei por que... Mas eu nunca consigo ir embora. *(Tempo.)* Só que enquanto eu tô voando – ou caindo, não sei –, lá de cima, eu vejo um rapaz parado, encostado no parapeito do viaduto. Aquele cara quer mudar o mundo, eu sei! Sei porque sou eu e porque ele é um menino triste, que fica sempre olhando o trem indo embora. *(Tempo.)* Só que ele, como eu, nunca consegue ir embora. *(Tempo.)* E eu, lá de cima – no vôo ou na queda, não sei –, eu olho pro mundo... E olho pro cara... Pro menino. *(Tempo.)* E eu nem o reconheço mais, porque eu nunca conheço ninguém... *(Tempo.)* Caído, parado no parapeito, eu fico lado a lado com ele e nós, juntos, desconhecidos, engolimos quietos uma vontade: voar e, depois, ir embora. Mas, que nada! *(Tempo.)* Nós só saímos dali e vamos, juntos, olhar para o mundo... Sozinhos. Sem nunca conhecer ninguém. *(Tempo.)* Sabe... A gente – eu e ele – queria pichar um muro e escrever uma coisa bonita, para falar desse nosso vôo que não dá certo... Fazer alguma coisa... Mas a gente não consegue. *(Tempo.)* Nunca.

## II. Russian roulette, 01h33

*(Madrugada. Centro de São Paulo. Praça Roosevelt. Sons confusos da metrópole. Quatro garotos e uma menina estão de frente para um paredão muito pichado por gangues, que misturam frases revolucionárias antigas com banalidades neo-românticas. Alguns fumam crack. Outros cheiram cocaína. A delicadeza neles só é evidente quando exalada por seus gestos e falas de extrema violência. Pardal, Zé, Leo, Juca e Nina falam o português de todos os dias. Leo segura um frasco de spray.)*

PARDAL *(Com tédio. Para Leo.)* Escreve logo.

JUCA *(Zoneiro, com seu skate.)* Ele não sabe...

PARDAL Ninguém sabe. Isso cansa.

*(Silêncio.)*

LEO Eu queria escrever sobre um menino que voou bem alto e, de lá de cima, viu que o seu olhar podia mudar o mundo... *(Irrita-se consigo e, talvez, com o mundo.)* Mas só tem pichação de gangue. Demarcação território, meu! Ninguém mais picha... Antes...

NINA *(Clubber, meio cybermana.)* Velho demais esse treco de escrever. *(Cheira cocaína numa tampa de caneta bic.)* Velho demais.

*(Silêncio.)*

PARDAL Escreve logo! Que porra é essa?

JUCA Vamos tipo assim... Uma escrotidão qualquer: "Já estou cheio de me sentir tão vazio!" *(Sente-se bem com a idéia, que julga o máximo.)* Sacou como é?

LEO Nojento!

ZÉ *(Muito chapado. Encostado à parede, caído. Tem crack até os ossos.)* É...

LEO Quero escrever um papo diferente. Sei lá... Que ninguém saiba, que não tenha sido dito... Ainda.

NINA *(Irônica.)* Poesia.

JUCA Pichador viado é foda! Mal sabe ler e quer se dar... Fala mal da polícia que tá bom demais!

PARDAL *(Canalha.)* ~~"Engole minha piroca, que depois eu enterro a mandio-ca"~~. Vai! Escreve aí.

ZÉ *(Suplicante, mas apático. Olha para a droga que fuma.)* A pedra tá no fim...

LEO *(Vendo Zé no estado em que está. Triste.)* Não tem nada pra escrever... Né, Zé?

NINA *(Empreendedora.)* A gente podia tentar um negócio novo, Leo... Diferente...

JUCA Poder? Há quanto tempo que nem isso? *(Sujeira?)*

NINA Não, palhaço! Um negócio... *(Pausa.)* É... Um negócio diferente! Um vôo... Um vôo que eu pensei para fazer com você, Leo. Um vôo diferente...

PARDAL *(Nihilista, sem o saber.)* Diferente... O quê?

NINA Não sei. *(Pausa. Mexe no bolso.)* Ainda.

ZÉ Eu vou querer mais crack daqui a quatro minutos... *(Ri.)* Três e cinquenta e nove... Três e cinquenta e...

JUCA *(Chocado com Zé.)* Meu, o cara é uma máquina! Não pára... Já tá morto...

LEO *(Muito irritado, ofendido mesmo.)* Não fala assim dele!

PARDAL Não mexe com o macho do cara, Juca!

JUCA *(Imitando Leo, jocosamente.)* Ui, não fala assim dele!

NINA *(Em defesa de Leo.)* Dá pra pegar leve? Que bosta!

PARDAL Agora vem a defensora dos cuzinhos arrombados. Escreve logo aí, no paredão, Leo! Senão, vem e chupa de vez a minha rola e pára com essa enrolação da porra!

NINA *(Provocativa e calma.)* Ah, se tivesse um macho por aqui...

JUCA Epa!

NINA *(Afastando-o com um empurrão.)* Macho! Tô falando de macho! Que tenha coragem de fazer um troço diferente... *(Olha nos olhos de Leo.)* Que queira voar...

ZÉ *(Referindo-se à droga e ao que foi dito acima, ainda caído.)* Tá no fim...

LEO Calma, Zé.

JUCA *(Jocosos.)* Calma, Zé! Calma, Zé!

*(Riso de Pardal, muito cúmplice de Juca.)*

NINA Uma garota perdida entre quatro rolas e esse tédio! *(Num repente de obsessão.)* Ninguém aqui tem peito para topiar isso aqui!

*(Nina tira um revólver do bolso e o mostra a todos. Música eletrônica.)*

PARDAL Caralho! Onde você arranjou essa...

JUCA *(Muito curioso.)* Deixa eu ver!

NINA Que ver, que nada! *(Aponta para Leo e Zé. Para Juca.)* Fica tirando os caras, mas duvido que tenha coragem de fazer esse... Negócio.

LEO Que negócio? Isso é doideira, Nina! Some com isso. A gente só veio aqui pra escrever e cair fora.

ZÉ A pedrinha acabou... Tava no dois e vinte e...

LEO Vamos cair fora, Zé.

PARDAL O maricas tá com medinho, tá?

NINA Você também não tem coragem, Pardal!

PARDAL De quê?

NINA *(Muito entusiasmada, mas temerosa também.)* Uma obra de arte! *(Tempo.)* Um negócio... Tem só uma bala no tambor...

*(Silêncio.)*

JUCA Quem te passou essa muamba?

NINA *(Extática.)* Russian roulette... Já ouviram falar? Obra de arte. Teve um na semana passada, ali na Maria Antônia, do lado do meu prédio. O moleque nem viu, mas acabou com um furo vermelho na testa...

JUCA Vermelho?

NINA De um vermelho escroto... Maravilhoso! Roleta russa... Há seis chances de... Bumm! *(Estrategista.)* Nós estamos em cinco...

LEO *(Assustado.)* Levanta! Vão bora, Zé.

ZÉ Crack, Leo, crack... A pedra! *(Rt.)*

JUCA Que moleque mais nóia!

NINA *(A todos, retomando o seu entusiasmo.)* Tem só uma chance de não acontecer nada e ficar tudo na pasmacreira que está. Ninguém tem nada pra escrever! Ninguém tem nada para fazer... Ninguém tem nada a perder. Uma chance só de ficar tudo como está. Cinco de faturar ação! De voar... De fazer uma obra de arte! E, se não acontecer nada, vai ter acontecido tudo!

JUCA *(Confuso.)* Eu acho que eu acho legal...

LEO Tô fora. A artista vai atacar assim, agora? Te toca, garota! Tem mais ação aqui fora que nesse teu roteirinho de filme barato!

NINA *(Ferrada da vida, angariando apoio de Pardal e Juca. Leve ironia.)* Tem que ser muito macho mesmo pra ser artista, hoje! Para voar...

LEO Quando a artista tiver que ralar duro no horário de amanhã cedo, vai ter ação de sobra na vidinha artística! Levanta, Zé, que eu tenho que levantar pra trabalhar.

PARDAL *(Refere-se à profissão de Leo.)* O maricas tem que dançar amanhã?

LEO Tenho, e daí? Danço sim. E gosto! Falô?

PARDAL *(Apartando-o de Zé.)* E por que o artista dançarino tem que levar o Zé? Tá afim de pagar aquele boquete pra ele? Hoje ele não levanta mais nada, Leo. Nem o corpo. *(Imperativo.)* Deixa o noinha aí.

NINA Não fala muito, que você só tem papo, Pardal! Ou será que vai ser diferente pelo menos dessa vez?

JUCA Ih, chamou na xinxá!

LEO Pulci fora, galera... *(Grave.)* Zé, você vem?  
ZÉ Acabou, meu. *(Pausa.)* Fim.  
NINA *(Repentinamente insegura.)* Fica, Leo. Só dessa vez. Tô pedindo pra você. Faz isso. Por mim. Depois a gente picha. Vai ter o que escrever...  
LEO Tem nada. *(Revidando com certa mágoa o julgamento de Nina, feito no início.)* Coisa velha demais...  
PARDAL *(Sarcástico.)* Eu invento um negócio louco pra você pichar...  
LEO *(Conclusivo, triste.)* Babacas!

*(Leo está saindo.)*

NINA *(Avisando-o, insegura, como que para não perdê-lo de vista.)* Amanhã tem festa na casa da Diet!  
LEO Vou ver se dá. *(Pausa.)* Tchau, Zé.

*(Leo sai.)*

JUCA *(Burro, mas correto desta vez.)* Nem tudo é poesia para ele, Nina.

*(Silêncio.)*

NINA *(Grita sozinha o que não tivera coragem de dizer a Leo.)* Sempre o mesmo medroso... Sempre querendo ir embora. *(Fula.)* E então, moçada? Vamos? O Leo fez, mais uma vez, a graça de dobrar a chance de não acontecer nada.

PARDAL *(Não entende direito.)* O quê?

NINA Estatística pura. Nunca estudou? *(Irritada.)* Agora, são quatro tentativas pra seis possibilidades. Quem vai?

*(Silêncio. Ninguém se dispõe.)*

NINA *(Desabafando.)* Que bosta! O Leo não tinha nada pra escrever. Ninguém tem. Ele caiu fora. *(Deprimida. Pausa.)* Me deixou aqui... *(Fria.)* Quem vai tentar? *(Silêncio, triste. Para a platéia, também.)* Vamos voar...

*(Nina saca o revólver, gira o tambor, aponta para a sua cabeça. Tensão. Música eletrônica. Ninguém sabe o que fazer ou pensar, como também não se sabe o que pichar. Após breve silêncio, atira. Nada acontece. Risos incomodados e excitados.)*

JUCA *(Maravilhado.)* Do caralho!

ZÉ *(Solitário.)* Leo...

NINA *(Num choro inexistente, choro da alma.)* Pare de falar desse idiota, Zé. Ele nos deixou aqui, quando podia ter acontecido alguma coisa. *(Pausa.)* E não aconteceu nada!

JUCA Como nada? Foi o máximo!

PARDAL *(Com um nervosismo medroso.)* Então vai você, Juca! Agora. Aproveita.

NINA Não tenha medo de voar, Pardal. Não precisa... *(Triste.)* Não vai ser pior do que tudo por aqui...

PARDAL É a vez do Juca, só isso.

NINA *(Cínica.)* As chances vão ser maiores a cada vez...

PARDAL Se liga, ô...

JUCA Vai lá, Pardal.

*(Silêncio.)*

PARDAL *(Para Juca.)* Você.

JUCA *(Como se tivesse uma idéia sensacional, para quebrar o clima mórbido.)* O Zé. Que tal? E então, Zé?

ZÉ *(Voando, Zé grita.)* Leo.

PARDAL O Zé não agüenta nem peidar.

JUCA *(Bobo.)* Nem comer o Leo mais... *(Ri.)*

NINA Cale a boca, Juca!  
JUCA Deixa que eu faço pra ele...

*(Pega a arma da mão de Nina, muito rápido; aponta para dentro da boca de Zé.)*


NINA *(Assustada.)* Pare com isso, idiota. Não tem nada a ver...  
PARDAL Larga ele, Juca!

*(Juca não entende direito o que os outros dizem. Pensa estar agradando.)*

JUCA Qual é? O Zé agora vai voar de verdade...  
NINA Sai de cima dele, moleque!

*(Nina vai se aproximar de Juca para retirar-lhe a arma.)*

JUCA Se alguém chegar perto eu estouro o... Fuzilo o desgraçado.  
NINA Não é nada disso, Juca! Não é assim. É ele quem tem que fazer. O Leo não quis, não foi? Foi embora... Foi.

JUCA  vôo dessa sua obra de arte passou a ter regrinhas, agora, Nina? O Zé nem consegue pensar mais. Não pode escolher, nem vai sentir dor. *(Diverte-se com seu raciocínio, como se fosse bem esperto.)*

PARDAL *(Aproxima-se de Juca e Zé. Quase grita.)* Deixa ele jogado aí...

JUCA *(Ameaça estourar a cabeça de Zé.)* Te afasta, vai! Eu falei pra ninguém chegar perto!

*(Silêncio.)*

JUCA Três, dois, um...

*(Silêncio. Atira.)*

JUCA Tambor vazio. *(Ri.)* Vôo interrompido... Tá voando ainda, Zé?

PARDAL Você é besta! Tem que ser ele, não entendeu?

NINA Obra de arte, Juca! Não é assassinato.

JUCA *(Pela primeira vez sério.)* Qual é a diferença?

*(Ninguém sabe o que responder.)*

JUCA Tô, Pardal, mostre a diferença. Faça uma performance, um vôo rastejante pra nós... *(Pausa.)* Não tem coragem?

*(Dá a arma para Pardal. Momento muito tenso.)*

PARDAL *(Antes de pegá-la.)* Tô pensando...

NINA *(Entusiasmada com a continuidade da sua proposta.)* Agora o jogo já começou.

JUCA Ele e o namoradinho do Zé não vão fazer, Nina.

PARDAL *(Nervoso demais.)* Fecha o bico! Não me compara com aquela coisa escrota!

JUCA *(Irônico.)* A binga tá na tua mão...

PARDAL Não me provoca, Juca!

JUCA O que você pode fazer, mano?

PARDAL *(Como um bicho nervoso, aponta a arma para Juca.)* Me deixa em paz! *(Atira uma vez em Juca, pois está muito irritado. Tambor vazio.)*

JUCA *(Calmo.)* Que vôo sujo, Pardal... *(Com a ironia que se tem antes de morrer, feito Mercuccio.)* Não era uma obra...

*(Pardal, irritado, frio, dispara várias vezes. Corte. Black out.)*

III. Vômito, 01h58

*(Ponto de ônibus na rua da Consolação, próximo à avenida Ipiranga. Leo espera. Com ele, estão Marlene - puta, cansada -, Rosa - mulher simples que olha para todos, muito medrosa -, e Tonho - vendedor de amendoins, tranqüilo.)*

MARLENE *(Para Leo.)* Que cara é essa, moleque?

LEO *(Pálido.)* Cuida da tua vida...

MARLENE Ih, ele é nervoso, Tonhô.

TONHO Deixe o moleque, mulher. Não tem centavo aí pra você.

*(Rosa tosses.)*

LEO *(Incomodado por ter que perguntar.)* O loteação para a Luz passou?

MARLENE *(Insinuante e trash.)* O bofe vai em direção à Luz?

*(Leo está visivelmente tenso. Não responde.)*

MARLENE *(Resignada com o silêncio.)* Já passou. Antes de você chegar.

LEO *(Levanta-se.)* Bosta! Vou de pé.

*(Tiro de revólver, não muito longe. Leo senta-se, angustiado, no banco do ponto, ao lado de Rosa.)*

TONHO *(Bem calmo.)* Um a menos...

MARLENE Tomara que não seja freguês!

TONHO *(Sábio, mas triste.)* Freguês não falta, Marlene. Morre um, outro compra meu amendoim. É que nem pomba-de-rua esmagada... Morre uma hoje, fêdc... Outra vem no lugar dela pra comer o amendoim que eu joga. Freguês não

falta...

MARLENE Tá difícil a grana até para o amendoim, mermão.

LEO *(Ainda pálido.)* Foi um tiro? *(Tempo.)* Tiro... *(Pensa, com medo.)* Meu, o Zé...

MARLENE Calma, rapaz. Nesse lugar ninguém se conhece. Não tem risco de ser da família, não.

LEO O tiro...

TONHO *(Introspectivo.)* Ninguém sabe quem foi hoje, quem foi ontem, ante-ontem... Se vai ser um de nós amanhã...

LEO É que o tiro...

MARLENE *(Irritada.)* Foi um tiro. Só um. E daí? Que saco! Não se tem sossego nem no ponto da gente?

*(Rosa tosses muito. Parece praga feia. As pessoas se afastam um pouco, enojadas.)*

MARLENE *(Para a Rosa.)* Êh, fofa... Tá precisando de xarope, tá?

LEO *(Levanta-se.)* É que o tiro...

TONHO Esquece o tiro. Esquece, moleque... *(Não compreende Leo.)* Tá impressionado com um tiro!

LEO Tiro...

TONHO Eu só ficava impressionado com tiro quando era pequeno. A primeira vez que eu vi a molecada acertando uma pomba com espingardinha... Tava voando alto... Aquilo foi bonito.

LEO *(Não compreende.)* O tiro?

*(Rosa volta a tossir muito. Vomita perto dos pés de todos. Com mais nojo, Marlene e Tonho se afastam dali. Leo fica mais um tempo com ela. Olha-a demoradamente. Não falam nada. Solidão absoluta. Luz lírica que se dissolve na escuridão. Música eletrônica.)*

IV. Vôo, 02h00

*(De volta ao paredão, na Praça Roosevelt.)*

PARDAL *(Olha para o corpo caído de Juca.)* Babaca! Podrão!

*(Silêncio. Medo.)*

NINA Louco! Não é isso...

*(Paralisia geral.)*

ZÉ Tô com frio, Leo... Acabou... E aqui em cima é frio demais...

*(Silêncio.)*

PARDAL Não era ação que você queria, Nina? Eu fiz. O Leo nem tinha o que pichar. Olha pra mim... Veja o que eu fiz... Por você! Esquece o Leo... Aquele bosta não tinha nada pra pichar...

NINA Ninguém tem...

PARDAL *(Aponta para Juca, caído.)* Taí, feita, a tua obra. Tua obra de arte...

*(Pede.)* Olha pra mim...

NINA Tua obra!

ZÉ Vem logo, Leo. Tô com frio...

PARDAL Voa comigo, Nina... Vem... Voa!

*(Bem de longe, escuta-se o som de sirene de policiais. Está tão longe, que é certeza que não está vindo para o lugar em que estão.)*

NINA A polícia, Pardal...

PARDAL Não vem pra cá. A cidade está descansando para amanhã... Ninguém tem coragem de chegar no olho do furacão...

NINA Vamos cair fora.

PARDAL Quer ir embora? Agora? Eu vou.

*(Nina, bem desesperada, começa a sair. Pardal a segue.)*

NINA E o Zé?

PARDAL Péra aí.

*(Numa correria de moleque que foge sem razão, Pardal volta e coloca a arma na mão de Zé, depois de esfregá-la bastante na camiseta. Ri. Zé fica caído com a arma na mão.)*

PARDAL *(Abre os braços como se fosse levantar vôo.)* Ação, Nina, ação.

*(Breve silêncio.)*

NINA Será?

PARDAL *(Realizado.)* Eu...

NINA Vamos logo, Pardal.

PARDAL *(Pára. Silêncio.)* Eu te amo.

*(Nina sai correndo, como se, por um momento, algo de grande estivesse ocorrendo em sua vida. Pardal corre atrás. O corpo de Juca fica estendido de frente para Zé.)*

ZÉ *(Gritando.)* Leo... *(Bate os dentes.)*



## V. Diferenças, 02h05

*(Transição de cena. Forma-se, aos poucos, uma boate. Ainda no ponto de ônibus, ouvem-se estes depoimentos épico-líricos das personagens.)*

LEO Tiro é uma ferida que não cicatriza, nunca...

TONHO Chega a ser bonito o barulho. Mas como tem muito, a gente se acostuma... E a barulheira é tanta, na cidade... Que abafa...

LEO *(Muito abatido.)* Naquela hora... Droga! Eu queria ter ficado... Mas, justo naquela hora, eu fui embora.

TONHO *(Animado.)* Quando vai ter tiro, eu sempre fico. Melhor que filme na tv. Muito melhor!

LEO Depois do vôo... Do tiro... Eu e o mundo caminhamos de volta pra casa. Na ignorância. De novo... *(Muito cansado.)* Sem saber de nada, nunca...

TONHO *(Curioso com relação à vida – ou com relação à morte.)* Ah, eu ia querer saber! Ah, ia!

## VI. Prohibidus, 03h10

*(Boate podreira, de párias, de frente para o Minhocão. Pardal e Nina divertem-se muito, perdidos na multidão. Dançam. Leila, muito máscula, toma conta do espaço com um olho aquilino. Cícero, de braços cruzados, está sentado num canto. Entre muitas pessoas noturnas, Fernanda e Patricia destoam pela perplexidade - estão ali pela primeira vez. Nina e Pardal acabaram de chegar.)*

LEILA *(Interrompendo o som.)* Vamos parar com essa palhaçada, que agora vai ter show. *(Compère da performance, faz a abertura do show de Lady Diet.)* Tinha um mundo em que vivia um menino. Era um mundo triste, em que tudo ficava sempre igual. Nunca mudava. Um dia, o garoto acordou sozinho, no seu quarto escuro, e quis sumir. Como nada mudava, nunca, então ele olhou para o sol - que estava parado no mesmo lugar, mesmo quando era noite. Quando viu o brilho sol, uma lágrima escorreu do canto do seu olho. E, de novo, ele quis sumir. Num esforço tremendo, tentando mudar, resolveu viajar até o sol. Mas, quando ele chegou lá, viu que o sol era um girassol murcho. E que a lua era um caldeirão amassado. E que as estrelas eram mariposas espetadas na escuridão. Então ele estava triste. Quis voltar para o mundo em que vivia. E, quando chegou de volta, viu que o seu mundo era um porto destruído e que nada tinha mudado. E que ele continuava no seu quarto escuro. Parado. De frente para o espelho. E viu que do canto do seu olho, caía uma lágrima, que turvou o seu olhar. E que nem tinha mais sol. E que nem viajado tinha. Perdeu-se no espelho, mas por um momento, só...

LADY DIET *(Interrompe-a, irônica. Mostrando só a cara, como num vaudeville antigo.)* Vai parar por aí? E a melhor parte dessa história da minha vida?

LEILA *(Bastante cínica.)* Mostre a sua lágrima. Cadê o quarto escuro?

LADY DIET *(Escrachada. Aos poucos, ocupa seu lugar no centro do palco. Pede para abaixarem muito a luz.)* Meu dark room... *(Ri, já no escuro.)* O menino sempre quer sumir. Hoje, ele saiu do quarto escuro. Quando a lágrima do can-

to dos olhos secou, ele viu que sua roupa era um vestidinho lindo. E que tinha estragado a sua maquiagem! (Pausa.) Mas ele notou que, mesmo assim, de saia seu corpo ficava be-lis-si-mo!

LEILA Ninguém é mais mulher que Lady Diet!

*(Luz. Início do show. Uma drag trash dubla um número, com um revólver de plástico nas mãos. No show, entre dublagens e bobagens, suicida-se, com um tiro performático na cabeça. Esta é Lady Diet. Objetos nela. Jogam de tudo. Ainda assim, ela, altiva, termina o espetáculo. Pega, no chão, um absorvente que foi atirado, próximo de seu pé. Tira uma gilete da boca, enfia-a por debaixo do vestido e, de lá, retira o modess manchado de sangue. Aplausos enlouquecidos. Ela o joga para a platéia.)*

LADY DIET Eu pego o que vocês me jogam... Quem tem coragem de jogar o que eu jogo? (Ri, sardônica.) Pode ter bicho aí, viu?

*(Silêncio. Depois, vaia.)*

NINA *(Cheirada.)* Ela é animal, Pardal. O máximo. Artista...

PARDAL *(Com muito tesão reprimido.)* A gente vai pra sua casa, hoje?

NINA Credo! Não desiste? A gente acabou de ver um...

PARDAL Não importa o que essa louca fez, não importa o que aconteceu no paredão... Eu te amo.

NINA Se o Leo fizesse algo assim no show dele...

PARDAL *(Desprezível.)* Eu faço mais que isso, se você quiser. Eu faço.

NINA Submisso!

*(Volta a música. Leila observa sua boate, com uma curiosidade diferente, após as reações ao show. Vai falar com Diet no bar.)*

LEILA Essa molecada tá esquisita, hoje.

LADY DIET Num inventa! E nem pense em fazer nada... Não se mete. Amanhã tem festa em casa pra pagar o aluguel. Não se mete!

LEILA Leo não veio... Nina acesa demais... Pardal com cara de passarinho assustado...

LADY DIET A menina gosta de mim. Vem pra me ver... Fica acesa por isso.

LEILA Mas tem coisa que está estranha...

LADY DIET Esquece!

LEILA Será? Era melhor esquecer mesmo... Mas... É que... Hoje, quando eu vinha pra cá, escutei um estampido... Como se fosse um tiro...

LADY DIET Eram fogos, baby... Pra me festejar... *(Debochada.)* Esquece, cara-lho!

*(Lady sai. Cícero chega até Leila.)*

CÍCERO *(Ansioso, tem sotaque ampliado.)* Leila, fale com Lady por mim.

LEILA E eu lá tenho cara de cupido, seu safado sem-vergonha?

CÍCERO *(Sozinho.)* Fale...

*(Pessoas dançam.)*

PATRÍCIA Vamos embora daqui!

FERNANDA Você quer ir embora?

PATRÍCIA Isso aqui não é pra mim.

FERNANDA A gente não queria sair por aí para conhecer o mundo? Então, ele está aqui, na nossa frente. Vamos?

PATRÍCIA Eu sei que está... É que me dá aflição de olhar. Eu queria ir embora...

FERNANDA A gente tem que ficar. Ver até o fim, pra não ter que voltar.

PATRÍCIA Ver até o fim? *(Tempo.)* Que fim? Bosta!

*(O ambiente da boate vai, aos poucos, cedendo espaço para a construção das próximas cenas.)*

VII. Deus, 04h15

Px 08

(Casa de Leo, próxima à Estação da Luz. Residência pobre, limpa. Sua mãe, Maria, já está de pé.)

MARIA (Resignada e descontente.) Isso é hora?  
LEO (Pálido, ainda.) Mãe, tô com medo.  
MARIA Reza.  
LEO Mãe, tô falando de...  
MARIA Reza, moleque. Pra Jesus. O pastor falou que teu trabalho não dá problema. Ele até assiste uns na tv que... (Sonhadora, por um minuto.) Nossa, ele até parece que é teu pai. O nariz é idêntico... (Repressiva.) Ai, Senhor, não me castigue! Blasfêmia a essa hora!  
LEO O Zé não tava bem, hoje.  
MARIA Já avisei mais de mil vezes pra esquecer essas amizades. Demônio, meu filho, demônio. O grupo de jovens da igreja...  
LEO (Seco, saindo para a cama.) Boa noite, mãe!  
MARIA Jesus Cristo que te abençoe, infernado! Vê se não perde a hora. Eu já tô saindo, que já tô atrasada. Tenho que comprar pão ainda, que naquela casa, se não sou eu... As patroas de hoje, oi!

VIII. Frio, 05h54

(Apartamento pequeno, alugado, no Edifício Copan. Pôsteres de divas na parede. Diet puxa fumo. Ouve "Virginia", dos Mutantes.)

Px 09

CÍCERO Tchau.  
LADY DIET Tchau. (Tempo.) Não vai?  
CÍCERO Vou.  
LADY DIET ...  
CÍCERO É que...  
LADY DIET Não precisa dizer.  
CÍCERO O que você vai fazer?  
LADY DIET Dormir.  
CÍCERO Não vai trancar a porta?  
LADY DIET Não.  
CÍCERO Não tem medo?  
LADY DIET Sempre durmo com ela aberta.  
CÍCERO ...  
LADY DIET A gente se vê.  
CÍCERO Acho que não. Decidi voltar. Aqui tudo é grande demais. Triste demais. Não me cabe direito aqui, nesse buraco.  
LADY DIET Volta nada. A gente se vê. Tem poucos botecos para nós.  
CÍCERO Tomara que o dinheiro dê.  
LADY DIET Não seja a vítima.  
CÍCERO Tô com frio. Essa cidade é um gelo.  
LADY DIET Vista uma blusa.  
CÍCERO Você sabe que eu não tenho.  
LADY DIET Então volta pra Vitória da Conquista, que lá nem venta!  
CÍCERO Tomara que o dinheiro dê.

LADY DIET Vai dar, vai dar. Senão, tem sempre um velhote charmoso disposto a pagar a conta.

CÍCERO A conta e outros favores.

LADY DIET Graças a deus!

CÍCERO Deixe de agressão. Que mania! Toda vez tem que ser isso?

LADY DIET Você não vai embora?

CÍCERO Tô indo. *(Pausa. Mentiroso.)* Tô só preocupado com a porta.

LADY DIET Foda-se a porta! A tal da Lady Diet, meu amor, não tem nada a perder. Mais nada.

*(Silêncio.)*

CÍCERO Você me culpa... A gente tá ferrado mesmo.

LADY DIET Anda logo! Sai! Tá perdendo a hora do emprego. Assim, nem a construção vai te aceitar mais. *(Noutro tom, após um silêncio.)* Continua fazendo a lição?

CÍCERO Todos os dias. Já tô lendo jornal. *(Desconfiado do que falou.)* Assim, mais ou menos.

LADY DIET Ótimo.

CÍCERO Antes... Antes a gente tava junto. Se protegia. Até do frio.

LADY DIET É. Foi. Mas até isso deu no saco. Cai fora!

*(Silêncio.)*

CÍCERO Perdão.

IX. Novela, 06h39

*(Frente do paredão do início. Começa a amanhecer. Zé está sentado. Dorme. O cadáver de Juca está caído. Sangra. Chegada dos policiais.)*

POLICIAL 1 Corre. O filho da puta vai fugir.

POLICIAL 2 Tá parado. Não corre.

POLICIAL 1 Drogado até a alma.

POLICIAL 2 Foi ele?

POLICIAL 1 Não, esperto! Quem?

POLICIAL 2 Não corre.

POLICIAL 1 Não tá vendo a arma?

POLICIAL 2 Então...

POLICIAL 1 Então o quê?

POLICIAL 2 Por que não fugiu?

POLICIAL 1 Isso não é da nossa conta. Pega o moleque e eu chamo a ambulância. Nem chegue perto do corpo. Tem sangue. *(Vai sair.)*

POLICIAL 2 *(Lembra-se de algo importante.)* Você viu? Na novela, ontem?

POLICIAL 1 Vi.

POLICIAL 2 Só que era diferente...

POLICIAL 1 Claro! Cê viu o carro da PM? Que que era? Cherokee?

POLICIAL 2 Era jipe! De marca num sei... Só conheço de vista! Mas era diferente...

POLICIAL 1 Na novela o povo é menos burro. Pelo menos isso. Matar e ficar de boqueira aí...

POLICIAL 2 Dá uns tapas pra ver se ele acorda!

*(Após uns tapas na cabeça de Zé.)*

ZÉ Leo...

POLICIAL 2 Que Leo, o quê, moleque?

POLICIAL 1 Baixa porrada!

*(Porrada.)*

ZÉ Leo!

POLICIAL 2 Leva daqui, logo, o bostinha aí, que eu aviso na delegacia que o elemento morto deve se chamar Leo.

POLICIAL 1 Não pára de gritar pelo coitado.

POLICIAL 2 Consciência culpada...

ZÉ Leo!

POLICIAL 1 Tá vendo! Tá chamando pelo morto.

POLICIAL 2 Revistou o corpo?

POLICIAL 1 Não. Esse povo usa documento?

*(Zé leva mais uns tapas.)*

ZÉ Leo...

*(Na transição, para montagem das próximas cenas, Juca dá, ao público, seu depoimento - póstumo.)*

JUCA Ninguém nunca tá perto pra ver o menino quando ele chora. Feito passarinho perdido do ninho. Depois da brincadeira, caído no cimento gelado, o menino não pensa em mais nada. Ele ainda ria, quando todas as coisas do mundo perderam a graça. Antes, sua vontade era de voar, ser passarinho. Mas, lá, caído, sob a noite que não tinha mais graça, ele não voou. Por que não voar, passarinho?

X. "Leo não pode mudar o mundo" (sic), 06h50

*(Apartamento chique, em Higienópolis, centro. Pardal e Nina estão sozinhos num quarto. Está amanhecendo.)*

PARDAL *(Abraçando-a.)* Que bom que você me trouxe... Eu...

NINA Esquece. Não quero agora.

PARDAL Você nunca...

NINA Foi divertido, hoje.

PARDAL *(Em dúvida.)* É. Sei lá... O Juca...

NINA Esquece isso! Foi divertido. *(Musical.)* Melhor... Meus pais não estão em casa.

PARDAL Vamos aproveitar.

NINA Eu gostei mesmo foi do show da Lady. Que potência. Se o Leo, pelo menos...

PARDAL *(Decidido.)* Eu disse que faria qualquer coisa... O que você quisesse. Lembra? Quer que eu acabe com o Leo?

NINA Deixa eu te pintar!

PARDAL Eu? É... Sei lá. É o que você quer?

NINA ~~Agora eu vou fazer a minha parte.~~ *(Pensativa. Coloca uma música triste dos Cowboy Junkies.)* Tire a roupa.

PARDAL ...

NINA Vou te pintar.

PARDAL *(Um tanto tímido.)* Ok.

*(Ele tira a camiseta, animado.)*

NINA A calça também! *(Tempo.)* Tem gilete?

PARDAL Pra quê?

NINA Vou cortar o pulso. Pintar com sangue.

PARDAL Não tem medo? Nojo?

NINA De quê?  
PARDAL Sei lá...  
NINA *(Nina pega uma saia preta e joga para que Pardal a vista.)* "Veste!"  
*(Ele, contrariado, faz o que ela pede.)* Abaixei a cabeça. Isso. Soltei os braços. *(Ela o joga na cama e, com os dedos, acaricia-o com seu sangue, traçando desenhos terríveis no peito dele. Sensualidade, música triste.)* Bem frágil, assim. Isso. Maravilhoso.  
PARDAL Teu pai não vai chegar?  
NINA Viajando. Sempre viajando...  
PARDAL Eu... *(Pausa dolorida. Vestido com a saia; peito, olhos e boca pintados com sangue.)* Eu te amo.  
NINA *(Fria.)* Fique quieto. *(Sonhadora.)* Bonito... Está amanhecendo. Vou acender um beque!  
PARDAL Vamos aproveitar pra...  
NINA Cale a boca! *(Pausa.)* Fique mais de lado. Isso.

**XI. Trabalho I, 08h21**

*(Numa sala universitária, estudantes de jornalismo. Fernanda escuta coisas que gravou, num radinho muito ruidoso.)*

PATRÍCIA *(Desabafando, meio triste.)* Estou caindo fora. Não quero chegar mais perto, não.  
FERNANDA *(Surpresa. Desliga o gravador.)* Agora?  
PATRÍCIA Não é pra mim, droga. Não faço parte daquilo.  
FERNANDA Como não faz parte?  
PATRÍCIA Sei lá... Quando eu passeio de carro, de noite, tudo o que eu tenho que fazer é parar no sinal. Isso é a vida pra mim.  
FERNANDA Não é só isso, você sabe.  
PATRÍCIA Se sei, fico com o meu medo. Não tem nada para ser feito lá. Eles vivem lá e pronto. Eu não! De que adianta levantar a bola, por no jornal, mostrar pra todo mundo? Nada. Todo mundo está cansado de ver! A vida deles é sensacionalista demais...  
FERNANDA *(Interrompendo, engajada.)* Ficou sensacionalista.  
PATRÍCIA Demais... Pelo menos pra mim.  
FERNANDA E vai parar com tudo agora?

*(Silêncio.)*

PATRÍCIA *(Insegura.)* Tô com medo. A gente nem se formou! Não precisa...  
FERNANDA Você faz parte daquilo, esteja lá ou não. É cúmplice e não tem jeito! Ontem um garoto foi assassinado a menos de trezentos metros dali. Tiro, garota, tiro. Podia ter sido em você. No seu carro, parado no sinal!  
PATRÍCIA As pessoas não morrem assassinadas a menos de trezentos metros de mim quando eu não estou lá.  
FERNANDA Você sabe que morrem.

PATRÍCIA *(Angustada.)* Não...

FERNANDA Se você prefere acreditar nisso...

*(Silêncio.)*

PATRÍCIA É que... *(Pausa. Curiosa.)* Como foi?

FERNANDA *(Contente.)* Não se sabe direito. Acharam um moleque do lado, com uma arma. Não se lembra de nada. Parece que só não fugiu porque tinha crack até no ~~ca~~.

PATRÍCIA Moleque?

FERNANDA Nem dezoito...

PATRÍCIA Que merda!

FERNANDA Então?

PATRÍCIA Não sei...

FERNANDA Claro que sabe!

## XII. Trabalho II, 10h42

*(Apartamento dos pais de Nina, em Higienópolis. Nina tem um curativo mal-feito no braço esquerdo.)*

MARIA *(No trabalho.)* Isso é hora de levantar, menina?

NINA *(Mal humorada.)* Não torra!

MARIA Parece que foi dormir na hora de levantar. É tudo ao contrário.

NINA Maria, eu acabei de acordar. Não comece, vai...

MARIA Fumando maconha antes de escovar o dente?

NINA Apagou. Emprста o fósforo.

MARIA Bem que o pastor falou... Eu não digo nada. Fico bem quieta, mas o pecado rodeia a gente bem mais de perto do que se imagina. *(Acende o beque de Nina.)* Verdade, só de trabalhar aqui já deve dar uma contaminada! *(Pausa constrangida.)* Credo. Mas isso é provação, Nina. Provação! Deus me põe do lado do diabo só pra provocar. Deus é ranheta, Nina. Quer que a gente faça tudo do jeitinho que ele quer... E eu faço! Deus é testemunha... *(Com um pouco de dúvida.)* E eu também! Ele que depois não venha me cobrar... *(Interrompe-se.)* Ai, meu Deus... Blasfemei de novo. Que mania a minha! Credo! *(Pausa.)* Pensando bem, sabe que eu tenho um pouco de razão? Deus é sádico, quase malvado. *(Esperta, altiva.)* Por exemplo, eu sei muito bem que lá no seu quarto tem um moço dormindo... Pelado!

NINA Maria, você tava...

MARIA Deus que me perdoe! Eu nunca, Nina... Nunca que ia olhar pela porta e ficar vendo aquela pouca vergonha de pintura... Eu não. Todos os dias me levanto com a consciência limpa. Limpa!

*(Silêncio.)*

NINA *(Seca.)* Maria, você teria coragem de matar?

*(Silêncio.)*

MARIA (Natural.) Ué... Se fosse por Deus...

(Transição de cena. Depoimento épico de Leo.)

LEO Eu queria entender porque não tive coragem de voltar lá e ver se o tiro... Covarde! (Pausa.) A mãe nunca ia entender e quando eu olho pro olho dela... (Pausa.) Um dia o Zé me falou que gostava de olhar pro mundo e soltar umas gargalhadas. Parece que servia pra ele entender alguma coisa. O Zé ficava no canto dele, quietão, rindo e inventando umas histórias mentirosas que faziam ele gostar do mundo. Mas aí ele pensou que as histórias dele eram doidas demais e que elas não explicavam mais nada. Eu tive tanto medo quando ele me disse isso... Parecia que todas as histórias iam acabar sem rumo... Só que, então, eu lembrei de uma vez, no viaduto, que eu vi um homem que andava mancando no trilho do trem... Sujo. Sem rumo... Com um cachorro velho do lado. Aquilo era tão bonito. Mas, talvez, não tivesse mesmo nenhuma graça.

XIII. Trabalho III, 13h01

(Apartamento de Lady Diet, no edifício Copan. Cícero entra pela porta destrancada, receoso após a última briga. Vai até Lady e beija-lhe a testa, com carinho. Lady agora escuta "Lady", dos Mutantes.)

LADY DIET (Surpresa, com cara amassada de quem acorda.) Já de volta?

CÍCERO Nem fui.

LADY DIET Como não? Tá querendo morrer de fome, gabiru?

CÍCERO Estava triste.

LADY DIET E isso é motivo? (Reflexiva.) Perdeu o emprego na construção? (Nervosa.) Você é louco? Não vai arranjar mais nada. Sabe ler? Não. Então, vai fazer o quê?

CÍCERO Calma. Tô aprendendo... (Deita-se, folgado, no sofá.) Me serve um café.

LADY DIET Me serve um café, me serve um café! Assim é fácil... Me serve um café!

CÍCERO Tá frio. (Tempo.) Tô gelado por dentro.

(Silêncio.)

LADY DIET (Resignada, vai servir o café.) Quer cigarro?

(Cícero olha um maço vazio sobre a mesa.)

CÍCERO Acabou.

LADY DIET Eu deixei um maço escondido atrás da tevê. Se acabasse...

CÍCERO Pôxa. Você é que é esperta... Sabe, hoje cedo, quando eu fui embora, não tinha jeito de ir pro emprego. Tô angustiado, chateado.

LADY DIET (Cínica.) Não entendo por quê?



CÍCERO Você sabe. Você me culpa.

LADY DIET (*Irritada.*) Esse papo de novo é foda! Hoje tem a festa aqui. Você não vai ficar me atrapalhando. Segunda-feira é dia de lucro. A festa tem que ser boa pro povo cheirar até o nariz cair! Falô? O dia do aluguel tá chegando, mon amour...

(*Silêncio.*)

CÍCERO (*A queima-roupa.*) Deixa eu ficar.

LADY DIET ...

(*Pausa incômoda.*)

CÍCERO Deixa...

LADY DIET (*Fugidia.*) O café tá frio, mas tá pronto.

CÍCERO Me serve. Tô na sua casa. Visita.

LADY DIET Visita o cacete! Pega a porra do café e se manda daqui! (*Calma.*) E logo.

CÍCERO Vou acabar o cigarro.

LADY DIET Falta muito?

(*Silêncio.*)

CÍCERO Eu achava que tudo entre a gente ia ser... Sou uma besta mesmo.

LADY DIET É mesmo.

CÍCERO (*Revoltado.*) Nem sempre. Aprendi a ser mais esperto com você.

Hoje, por exemplo, eu reparei no metrô. É batata!

LADY DIET ãhn?

CÍCERO Nunca reparou?

LADY DIET Em quê?

CÍCERO Quando se viaja de metrô? Aqui em São Paulo, que na Bahia não tem disso. Sempre... Sempre que você viajar vai ver. Em qualquer vagão que você entrar, vai ter um viado. É regra.

LADY DIET Regra? Bebeu? Que idéia! Eu já peguei um monte de vez que não tinha.

CÍCERO (*Lírico.*) Tinha você.

LADY DIET (*Horrorizada com o raciocínio.*) Socorro!

CÍCERO É sério. Eu não sou assim como você fala, uma besta completa!

LADY DIET Termina logo esse cigarro.

XIV. Trabalho IV, 14h37

1416

*(Delegacia de polícia, numa esquina da Rua Augusta, centro.)*

FERNANDA *(Mostra uma carteirinha de estudante.)* A gente quer falar com o moleque. O do caso que eu disse.

POLICIAL 1 Sem chance. Tá lá na cela...

PATRÍCIA Então, é só tirar e...

POLICIAL 1 Você já conversou com um moleque desses? Não tem nada pra dizer, não. Só gosta de matar!

FERNANDA A gente quer falar com ele.

PATRÍCIA Pelo menos tentar.

POLICIAL 1 A gente passa o dia tendo o que fazer nesse lugar e ainda aparecem umas bostinha folgada dessas pra...

*(O outro policial, que estava sentado com as pernas para cima no canto da cena os interrompe.)*

POLICIAL 2 Deixe as jornalistas. Mídia... Pra nós...

POLICIAL 1 Saco! Isso não é jornalista! São uns estudantes de merda!

POLICIAL 2 Mídia! É bom sempre!

XV. Trabalho V, 15h18

1515

*(Academia de quinta, na avenida Nove de Julho. Camarim improvisado. Eddy se maquia.)*

LEO *(Triste. Coloca malhas de dança.)* Não tô afim de ensaio hoje. Tudo tão sem sentido.

EDDY A ladainha de sempre.

LEO *(Angustiado.)* Ontem...

EDDY Vai tirar dinheiro de onde?

LEO *(Radical.)* Não tô preocupado com isso agora. Ontem...

EDDY Isso... Mande todo mundo tomar no cu! Está virando a sua especialidade.

LEO Ontem...

EDDY Esquece de ontem, moleque! O negócio é hoje.

*(Silêncio.)*

LEO Então... Não tenho vontade. Sempre a mesma coisa, não muda! Você nunca se cansa de fazer isso?

EDDY Sempre me canso. Só que não tem saída. É ensaiar, dançar e depois comer. Só isso. Se sobrar uns trocos: pó, pra retocar o nariz... Não tem mais nada depois.

LEO Mas...

EDDY Deixa de assunto, Leo. Quando comecei, queria ser artista, até dançava porque... Sei lá! Não é mais por isso! Achava que a dança... *(Corajoso, apesar de tudo.)* Não é bunda tremendo que eles querem? Então eu danço!

LEO Não vai ser mais como era antes?

EDDY Não existe antes.

LEO           *(Resignado, cabisbaixo. Após um tempo.)* Vai ter papelote barato na festa da Diet, hoje. *(Eddy sai, enquanto Leo fica em silêncio, por longo tempo, na cadeira em que se sentava. Triste e imóvel.)*

## XVI. O Perfume do Inferno, 16h51

*(Apartamento de Leila e Abel. São amantes, dividem o mesmo teto. Tomam café da manhã, já no fim da tarde. Caras de pessoas que acordaram após uma noite de trabalho. Abel é um travesti muito bonito, maltratado pela vida. Vive feliz com Leila.)*

LEILA        Você ouviu um tiro, ontem?

ABEL         De madrugada?

LEILA        É. Eu ainda estava na frente do prédio, ia para a boate.

ABEL         Imagina... Tiro! *(Tempo. Acostumada ao terror.)* Toda noite tem zumbido que parece tiro. Fica um estalo que não sai da cabeça da gente, nunca. *(Tempo.)* Tiro... Tiro é a música da cidade, dos carros, dos gritos, das igrejas, da putaria.

LEILA        Era tiro. Eu escutei. *(Preocupada com as lembranças)* Perto. Muito perto. *(Recorda de mais coisa)* E à noite, na boate, tinha alguma coisa estranha... Sabe aqueles meninos, que vão lá pra ver a Lady? Num sei... Tinha uma coisa diferente... Parecia que o tiro estava ali, que a bala tinha voado e ficado parada no ar, lá. Um som surdo... Eu escutava o tiro perto de mim.

ABEL         Tiro é só o que se ouve à noite. Mesmo quando não tem... Quando ninguém atira. A gente escuta o motor de um carro e logo pensa que é tiro. A polícia...

LEILA        Não era polícia... A polícia não está por perto quando... Deixa pra lá. *(Conclusiva)* Em polícia você tem que atirar primeiro. *(Tempo.)* Faz amizade, paga uns trocados... Se você paga, então eles te defendem... Na boate é assim. Cobram porque não deviam deixar funcionar os inferninhos... Pagando pode.

ABEL         Na rua, não tem negócio com polícia. Só com cliente.

LEILA        Eles te maltratam?

ABEL         Quase nunca. Mas eu sinto medo.

LEILA        Acho que foi o que eu senti, ontem... Na hora do tiro.

ABEL *(Grita)* Eta! Que saco! *(Carinhosa)* Nem parece que a gente mora aqui, que está longe de tudo, no inferno...

LEILA É por isso que eu sinto medo. Porque tudo está longe de tudo. *(Olha, demoradamente, nos olhos de Abel.)* Mas às vezes é diferente... E nem parece que é desse jeito.

ABEL A gente já nasce errada... Nasce errada num mundo errado, do lado de uma gente errada... A gente gosta do medo... O medo defende a gente. É assim... *(Bem humorada.)* Deus tem lá as suas preferências... *(Ri.)* É isso! Aqui, no inferno, a gente dá o cu pro primeiro que aparece e nem sabe dizer por que fez isso, na primeira vez... Depois acostuma. Mas é porque a gente gosta do medo. Tem gente que nasceu pra ficar com medo.

LEILA Você nasceu pra isso? Só pra isso?

ABEL E você não? Por que será?

LEILA Será que a gente num vai deixar nunca de ter medo?

*(Abel sorri. Olham-se, muito de perto, nos olhos.)*

LEILA Quando eu olho pra você, é diferente... Aqui em casa...

ABEL *(Prática.)* Mas tem a rua... Que é a sala das nossas visitas. Aonde tomam do nosso cafezinho coado com merda. Uma merda que todo mundo cheira sorridente, pensando que é perfume... Como é bom o perfume da bosta, menina!

LEILA Eu conheço teu cheiro. É outro.

ABEL Ontem eu chupei um pau tão escroto que vomitar nele ia ter melhorado o gosto. Mas a gente não vomita... Sente o perfume. Finge que não tem doença ali e faz do pau duro doente uma estátua dura de um santo duro, que quer ser beijada.

LEILA Não precisa contar os detalhes. Eu conheço isso, mesmo sem ver. Eu vejo no canto do seu olho, quando você chora. Ou quando você ri. *(Tempo. Leila recorda-se.)* Na hora do tiro...

ABEL Não era tiro.

LEILA Mas eu senti uma vontade doida, doida, de te ligar... Pra saber onde você estava.

ABEL Ih, se ligasse eu ia ter que te contar detalhe... *(Gargalha. Leila abaixa a cabeça)* Não, não ia.

LEILA Eu pensei que, talvez, fosse bom voltar pra casa. Pra te ver. *(Tempo.)* Isso eu acho bom: ter uma casa para voltar. Mesmo que seja uma casa bem no meio dos quintos dos infernos. No meio do cheiro de bosta. Sentir o perfume do inferno e saber que o demônio pode olhar bem nos meus olhos e que ele pode me dar um beijo na testa, antes de dormir.

ABEL *(Agarra Leila.)* Adoro o diabo quando ele me atiça assim!

XVII. Pecado, 17h14

Px 16

(Igreja evangélica, na avenida Celso Garcia, no Brás.)

- MARIA (Suplicante.) É que tem o pecado em todos os lugares.
- PASTOR É preciso fugir dele, Maria.
- MARIA Mas, pastor, se eu chego no trabalho ainda de madrugada e dou de cara com tudo aquilo. Deus tá querendo me provocar!
- PASTOR (Pragmático.) É a santa provação. É provação, não provocação.
- MARIA (Desconfiada.) Não vejo muita diferença, não. E em casa então, aquele moleque tem o demônio, pastor. O senhor não queira saber os horários dele.
- PASTOR Por falar em horário, eu também estou com o meu apertado, que tenho visita marcada na delegacia...
- MARIA (Desconfiada.) Delegacia? (Reprime sua curiosidade.) É que o Leo...
- PASTOR Dê a ele uma bíblia... (Ágil, querendo se desvencilhar.) Por falar nisso, já desapareceu com o crucifixo da geladeira?
- MARIA Ainda não. Tenho medo, pastor. É blasfêmia jogar Cristo pra fora de casa.
- PASTOR Aquilo não é Cristo! É o demônio, Maria. Da próxima vez em que eu for à casa da senhora e encontrá-lo...
- MARIA Não vai encontrar, não senhor. Só que eu fico com dó. O Leo tem a cara dele. (Apaixonada.) E ele me lembra o senhor, também... Muito, muito.

XVIII. Numa esquina, 17h20

(Apartamento muito velho e apertado na Baixada do Glicério. Rosa passa uma camisa verde, que Eddy vai vestir para sair.)

- Maria*
- ROSA Seu pai falava que você, quando crescesse, ia ser um pai melhor que ele tinha sido... (Pausa. Olha para o nada.) Disse isso quando foi embora.
- EDDY É, ele não me conhecia nenhum pouco...
- ROSA Não conheceu. Só te viu fazendo gordura na minha barriga. Sua cara, não esperou pra conhecer. (Tempo.) Tinha paúra de criança. (Tempo.) Muito irmão pequeno... Nunca gostou de nenhum...
- EDDY Se eu tivesse um irmão, ia ser bacana...
- ROSA Criança atrapalha. (Tempo.) E família... Família ele nunca quis, não. Não ligava. (Tempo.) Mas eu entendia. Queria viajar... (Tempo.) Foi.
- EDDY A senhora nunca mais soube nada dele? Nunca falou...
- ROSA Casou. (Tempo.) Depois foi preso. (Tempo.) Parece que morreu.
- EDDY Ele era bonito?
- ROSA Nada. Era como você, cópia. (Tempo.) Eu só quis ficar com ele pra fazer pirraça. Minha irmã é que ia casar com ele. Então, engravidei. Naquele dia, eu estava muito irritada, porque ela tinha usado uma bolsa minha...
- EDDY E foi só por isso?
- ROSA Foi. Aqui na Baixada do Glicério tinha muito caso assim, naquela época. Coisa de irmão, né?
- EDDY Não sei. Nunca tive nenhum, mãe.
- ROSA Melhor assim. Criança atrapalha.
- EDDY E ele, morreu de quê?
- ROSA Morte morrida... Tem muito disso, também. Parece que pegaram ele numa esquina.
- EDDY Morte morrida? Pegaram? (Tem dificuldade em compreender.) Carro?

*(Rosa acaba de passar a camisa.)*

ROSA Gente. Falaram que uns três. Estava com a mesma cor de camisa Verde. *(Tempo.)* Confundiram... *(Tempo.)* Deve ter sido isso...

*(Silêncio.)*

EDDY E se eu fosse embora, mãe?

ROSA *(Rosa olha-lhe, pela primeira vez, nos olhos.)* Tem vontade?

EDDY Penso de vez em quando...

ROSA Ué... Vai. *(Entrega a camisa verde que passava a ele.)* Olha a sua camisa. Tá bonita pra sair. *(Tempo. Ele vai saindo. Amarga.)* Cuidado.

XIX. Zé, 17h42

17

*(Na cela da delegacia, sozinho, Zé desespera-se. Voa pelos descaminhos da solidão.)*

ZÉ Eu estou com frio, Leo! Você lembra? Teve barulho e a pedra estava no fim, no finzinho... Acho que tinha acabado. *(Silêncio.)* Acabado... *(Desarticulado.)* A Nina gosta de você, Leo... Não é engraçado? Ela acha que precisa ter aventura. Justo com você, Leo. *(Silêncio.)* Se não fosse o frio, eu ia até na sua casa. Eu preciso te contar que teve barulho e... Por que você me deixou sozinho, Leo? Eu não ia sair dali sozinho. Nunca. Você saiu. Eu fiquei sozinho, Leo... Com o Juca. Teve barulho e ele não levantava mais, Leo. *(Silêncio.)* Sabe medo? Eu tive medo, Leo... *(Silêncio.)* Leo! Vieram umas meninas falar comigo, hoje. Elas acham que você morreu. Não morreu! Eu fiquei falando que você tinha me deixado sozinho. Não sabia responder àquelas coisas. Uma gente esquisita, Leo. Eles me deixaram com medo... *(Silêncio. Zé grita.)* Leo!

XX. Pureza, 17h59

(Praça Buenos Aires, na avenida Angélica. Mané veste uniforme de padeiro.)

MANÉ (Entre inconformado e fascinado.) Você apagou o cara?  
PARDAL Por ela.  
MANÉ Mas era mano seu!  
PARDAL Você precisava estar lá. Foi doideira demais.  
MANÉ Sou mais simples que isso, mermão! Pra mim, basta ir pegar a Nair, dar uma volta, levar ela em casa e depois comprar uma puta. Não tá bom demais?  
PARDAL Você gosta da Nair?  
MANÉ Eu sei lá! Devo gostar. Nair é pra casamento, é diferente... Não é de gostar...  
PARDAL Eu tô apaixonado pela Nina.  
MANÉ Complicação, rapaz. Essas meninas aí são pra outra hora. Uma é de namorar, outra é de foder.  
PARDAL Você não fode com a Nair?  
MANÉ Que é isso, meu? Ó o respeito. (Indignado.) Ninguém fode com a Nair. Crente, virgem... Só pro dia do casamento.  
PARDAL Ela não faz nada? Nem...  
MANÉ Passa a mão, bate punheta... Se não é dia de culto até faz uma chupe-tinha atrás de um poste que eu queimei a lâmpada lá da zona leste. Mas é pura... Pura, viu? Pra casar de branco, feito cocaína.

XXI. Esconderijo, 18h15

(Bar, na avenida Vieira de Carvalho. Happy hour.)

NINA Que foi que ele te disse?  
EDDY Não disse nada. Ele nunca diz nada...  
NINA (Preocupada.) Falou de revólver?  
EDDY Revólver? Uau... Conta!  
NINA (Incisiva.) Falou de revólver?  
EDDY Não. Só disse que dançar não tem mais sentido, que a arte... Aquela balseira de sempre. Todo mundo já ouviu... Todo mundo!  
NINA É um bosta! (Orgulhosa.) Nunca vai ser radical...  
EDDY (Entusiasta do vazio.) Ele disse...  
NINA Fala!  
EDDY Disse que...  
NINA Fala, sua bicha!  
EDDY Que vai ter pó numa festinha hoje...  
NINA Da Diet? (Pausa. Fria.) Não vou.  
EDDY Como não? Enlouqueceu? Tava toda animada no telefone.  
NINA Perdi o pique. Tô cheia de ver neguinho bicudo, de nariz pingando na fila do banheiro!  
EDDY Não precisa fazer carreira no banheiro na casa daquela louca, você sabe melhor do que eu... Você já caiu lá até no corredor!  
NINA Vou ficar limpa por uns dias, ué! Não posso?  
EDDY (Horrorizado.) Credo! Chegou, enfim, o apocalipse! Deus existe... Acabei de tirar a contra-prova! (Tempo.) É por causa do Leo, não é? Não quer encontrar?  
NINA (Fula, acendendo um baseado.) Enfia o dedo no cu e cheira, cana-lha! Era só o que me faltava...

XXII. Curra, 18h21

*(Corredor da delegacia, na rua Augusta.)*

ZÉ Voltaram por quê?

FERNANDA *(Amigo.)* Está melhor?

ZÉ Não é da sua conta!

FERNANDA A gente quer ajudar...

ZÉ Então por que não somem?

PATRÍCIA O garoto que encontraram perto de você...

ZÉ *(Fragil e ameaçador.)* Gente carniccira! Urubu!

FERNANDA Escuta aqui, revoltadinho! Se quer ajuda, é bom ir parando com essa panca, que eu já te vi chorando... Babando! Aqui. Ou naquela cela! E, se não fosse por nós, ia apodrecer fedendo ali até sentirem a tua falta, o que ia demorar muito, caso acontecesse, fô!

PATRÍCIA *(Para Fernanda.)* Vai devagar...

FERNANDA Fica fria! *(Para Zé.)* Se a gente não aparecesse por aqui tua transferência não saía, moleque! Ia dar a bunda pra peixão até arrebentar o loló... *(Tempo. Mais controlado.)* No juizado, pelo menos...

ZÉ *(Preocupado.)* Juizado? Febem? Você é louca? Transferência pra... *(Quase chora.)* Eu vou te matar.

FERNANDA Mata nada! É só papo esse seu...

ZÉ Papo! Você já viu um corpo caído no chão? Eu já... Não me custa ver outro. Conhece o cheiro do asfalto? Sabe como ele é quando raspa no teu nariz?

*(Silêncio.)*

ZÉ Fala, suas filhas da puta!

*(Silêncio.)*

FERNANDA *(Calculista.)* Você se acha melhor por lamber o asfalto uma vez por noite?

ZÉ *(Vai pular sobre Fernanda, mas cai, fraco.)* O Leo vai acabar contigo, deixa ele saber!

FERNANDA Não tem mais Leo, cara! Tá morto, gelado já! E se quiser livrar a tua carinha bonitinha, é bom confiar! *(Mais agressivo.)* Quem matou o Leo? Foi você?

ZÉ O Leo não morreu, já disse! *(Tempo.)* Ele me deixou lá... *(Tempo maior.)* Sozinho... Não lembro mais! *(Quase chora.)* Quando estava saindo... Não sei. Não lembro... Que é que vocês querem? Me deixar com medo? *(Carente.)* Ele falou que tinha uma festa...

*(Fernanda e Patrícia olham-se.)*

PATRÍCIA *(Nervosa, olha para Fernanda avisando-a que não vai nem morta.)*

Festa?

FERNANDA Aonde?



XXIII. Sabedoria, 18h33

*(Ponto de ônibus. Tonho, aleijado, carrega manco o material para venda de amendoim. É meio besta, mas é sábio. Mané gosta dele, apesar do leve desprezo que sente.)*

MANÉ Tô falando...

TONHO Nem vem com história tonta! Tiro tem toda noite aqui no centro, principalmente aqui nas banda da putaria! Esse negócio de casa noturna é só bang-bang! Tiro direto! Ontem mesmo escutei um... No ponto de ônibus...

MANÉ Num inventa, Tonho! Só porque eu falei de tiro, cê já vem com história de que ouviu...

TONHO Tô falando procê... Barulho seco, estalo esquisito... *(Faz uma onomatopéia engraçada de som de tiro.)* Tô falando...

MANÉ Eu que tô falando! Te disse... O cara apagou, ele mesmo, ali, na frente de mais gente. Não foi tiro de escutar... Truta meu... Apagou o cara! Corajoso pra dedêu...

TONHO Era polícia?

MANÉ Nada! Um moleque...

TONHO Ué? *(Pausa. Olha para seus produtos, assusta-se.)* Então vendia?

MANÉ Moleque, ô, meu! Folgado pra cacete. *(Sonhador, como se falasse do Super-Homem.)* Só faz maldade. Parece que tem prazer. Diz que nem sente nada quando vai dormir... Nem sonha... Mau pra caralho...

TONHO Será que num sonha? *(Tempo.)* Num gosto de sonho, não, Mané. *(Pensativo, insiste.)* Mas cê tem certezinha que ele num vendia?

MANÉ Ué. Tô te falando... Por quê? Tá com medo dele, Tonho?

TONHO Medo, não tenho de nada. Mas nunca se sabe... Tanto ponto de venda que já tive de trocar... Pra evitar violência! *(Faz-se de fortão.)* Cê sabe que eu num sou de briga...

MANÉ E você já brigou alguma vez, aleijadinho? Se enxerga, ô, fofido!

TONHO Você num leva em conta a briga da vida... Então, não. Nunca briguei. *(Tempo.)* Quando os carecas me pegaram, outro dia, me chutaram e espetaram com bituca de cigarro... Eu me fingi de morto. É o meu jeito de brigar. Não tem careca que me mate não, meu irmão. E você, já brigou com careca?

MANÉ Cê é louco, Tonho?

TONHO Cada um na sua briga... Eu preferia que não tivesse nenhuma... *(Faz-se de fortão.)* Num gosto de brigar por coisa pouca.

MANÉ É o que eu tava te falando... E o mano atirou por nada... Nem sabia explicar direito.

TONHO Eu quero é vender minhas coisa em paz... Sem treta. Por isso que eu só vendo coisa pouca. Bagulho pequeno, amendoim... E olhe que já tive oportunidade! O que eu já tive de oportunidade nessa vida... *(Dando um exemplo.)* Mas nunca quis mexer com cocaína... Deus me livre e guarde! Cocaína, não. *(Pausa.)* De pequeno eu até fazia uns serviços... Mas agora... Trabalho por conta... Liberdade é outra coisa. *(Pausa.)* E a Nair?

MANÉ Vi ontem.

TONHO Continua bonita daquele jeito? Nair bate um bolão... Dá umas jogadas de perna, que me deixam doidim nas cueca...

MANÉ E Nair é lá mulher pra ver beleza? Sai fora, ô, aleijadinho!

TONHO *(Rápido, antes que perca o cliente, retira da cesta do amendoim um plástico amarrotado. Na surdina.)* Sem agressão, tô fazendo um preço camarada da erva procê. *(Sábio.)* É da boa, cara! *(Enche a boca pra falar.)* Veio de Pirituba! *(Cheira o saquinho de plástico. Pega o dinheiro dado por Mané.)* E umas balinhas pra Nair chupar, cê vai querer?

*(Mané olha torto para o desrespeito de Tonho com Nair.)*

XXIV. Comunicação, 19h12

18

(Casa de Leo, próxima à Estação da Luz.)

MARIA Dessas danças novas eu gosto. Queria tanto te ver na tevê... Quando você dançava aquelas coisas esquisitas lá no teatro no Bixiga, você me convidava... Agora, nem sei se vai mesmo pra ensaio ou se bate carteira nesses becos onde você passa a noite! (Leo está se vestindo, mudo.) Vai sair de novo? Não pára em casa nem pra dormir! (Muda de atitude, utilizando o carinho que conhece.) Hoje eu queria que você ficasse pra gente conversar. (Leo olha para a mãe, triste.) Fica.

LEO Eu preciso saber do Zé, mãe.

MARIA Ele deve estar bem, eu tenho rezado por ele dia sim, dia não. Sei que você gosta muito dele. É isso o que te aproxima de deus. (Abaixa a cabeça, oferece uma pequena bíblia evangélica a ele.) Fica...

LEO (Surpreso.) A senhora está diferente hoje.

MARIA Estava pensando... O mundo lá fora não é melhor que a nossa casa. Nunca consegui entender porque você prefere a garoa do que o meu abrigo... Acho que eu posso te tratar de outro jeito, falar menos de deus... (Guarda a bíblia, que Leo não aceitou. Pedinte.) Fica.

LEO (Carinhoso, aproxima-se de sua mãe.) A senhora não precisa mudar nada. Não é esse o problema, dona Maria.

(Muito próximo, Leo e Maria olham-se longamente, como nunca haviam feito.)

MARIA Fica? (Leo a abraça, depois beija-lhe a testa. Afasta-lhe uma lágrima no canto do olho e sai, sem maiores explicações. Maria fica só e fala como se respondesse ao filho.) Tchau. Que deus te acompanhe. O pastor estava certo... Ele sempre está. Um homem tão bom.

XXV. Trancados, 19h29

(Na delegacia, o pastor evangélico vem fazer uma visita, que visa a conversão de pecadores em fiéis.)

PASTOR Que deus seja louvado, irmão!

ZÉ A porra que o pariu! (Ri, ainda sob o efeito da droga.) Tem bagulho? Passa aí. (Ri.) Só faltava essa!

PASTOR (Tempo. Hesitante, quer animá-lo, para aproximar-se.) Você é um menino bonito. O que falta na sua vida...

ZÉ (Frio.) O que é que cê sabe da minha vida?

PASTOR A vida de todo mundo é uma coisa só. Deus...

ZÉ Esse seu deus trancado nessa sua bíblia não é melhor que eu, que estou trancado aqui, moço! E você... (Ri.) Cê não sabe de nada. (Frio.) Cai fora.

PASTOR Eu te conheço mais de perto do que você imagina! (Zé olha para ele, desconfiado. Retoma o raciocínio de antes.) Você é um menino bonito...

ZÉ Bonito! (Saca qual é a do pastor.) Você também acha que eu sou bandido, né?

PASTOR (Recuando.) Não precisa falar assim.

ZÉ Acha, acha sim!

PASTOR Tem as susceitas, é verdade. Mas eu não estava lá, não posso julgar. (Aproveita-se para tocar no assunto.) A polícia falou que o revólver estava na sua mão, e o menino morto, o... (Toma coragem.) O Leo...

ZÉ Que Leo? Por que todo mundo acordou com essa mania, hoje? Depois daquelas duas... Agora, você!

PASTOR (Não o compreende.) Que duas?

ZÉ Ué, não sabe? Pensei que sabia! Não te mandaram como mandaram as duas tontinhas aqui pra me acusar? Gente carniceira, todo mundo querendo um pedaço da carniça, não é?

PASTOR Não sei dessa história de meninas...

ZÉ Então, fica de olho, que devem ser suas concorrentes, palhaço! Querendo saber do que ninguém sabe, sei lá porquê! Qual que é? Isso tá valendo dinheiro, tá? Da minha boca não sai nada, sacou?

PASTOR Eu não quero que saia nada que deus não...

ZÉ Da minha boca não sai, mas eu vou sair daqui, hoje... Voando. *(Ri-se de suas idéias.)* E rindo, falô? *(Ameaça.)* E aí de você ou daquelas duas ou de qualquer um que eu encontrar lá fora... Não tem medo, não? Dá o fora daqui!

PASTOR *(Insistente, enfrenta Zé com o olhar. Pela primeira vez, entre piedoso e fascinado, toca no rosto de Zé.)* Você é um menino bonito...

*(Zé cospe-lhe na cara. O pastor sai. Zé fica só. Transição de cena, depoimento épico de Leo.)*

LEO Quando a gente não consegue voar, parece que fica preso... Trancado. Parado. Diante de um abismo... O Zé dizia que tinha vontade de se jogar de um abismo, de ver como é que se sente um passarinho. Eu, não. Tenho medo. Mas ficar aqui, parado... Chega a dar vertigem!

## XXVI. Diante do abismo, 19h41

*(Num ponto de ônibus, Fernanda e Patrícia conversam sobre a visita a Zé, na delegacia. Ao fundo, Tonho vende suas coisas. Marlene está por ali.)*

FERNANDA Pra mim, a coisa mudou. Agora é para conhecer de perto e só.

PATRÍCIA Por quê? Agora que a gente foi lá e viu que...

FERNANDA Isso. Viu que... Dá medo. Tudo assusta demais.

PATRÍCIA A gente já sabia disso.

FERNANDA Mas chegar perto do abismo e não conseguir pular... *(Entristece.)* Dá medo.

PATRÍCIA *(Anima-a, aliviada.)* Então, melhor ficar aonde a gente está! Sem medo, tranqüila...

FERNANDA Sei lá. Já que não dá pra mudar nada, que a gente tem medo, eu queria pelo menos saber um pouco mais das coisas, do mundo...

PATRÍCIA Você está triste.

FERNANDA *(Triste.)* Tô nada! *(Fria.)* Aquela gente está lá... A gente está aqui. É a mesma bosta! Não tem tristeza.

PATRÍCIA Claro que tem. E se a gente chega muito perto pode fazer cagada, sei lá... A gente nem sabe como é direito... Eu também tive medo...

FERNANDA Mas tem a tal festa...

PATRÍCIA Ah, não! Não começa de novo...

FERNANDA É só uma festa, como ontem, na boate. O Zé não falou da tal da Lady? A de ontem! *(Pensa.)* A gente vai e observa... Só. Só pra tentar entender... Tentar conhecer... Só pra isso.

PATRÍCIA Mas se é só pra isso...

FERNANDA *(Olha bem nos olhos da amiga.)* Isso não ia me fazer mal, não. Mas, se você quiser ficar, tudo bem... Eu vou te entender.

*(Tempo.)*

XXVIII. Bagulho e Cansaço, 20h01

(Mesmo ponto de ônibus, Eddy chega para falar com Marlene. No caminho, não cruza com Leo por instantes.)

MARLENE (Surpresa.) Uia! Será que hoje chove ouro? Que cê tá fazendo aqui, moleque? Quem não morre não some!

EDDY Visita. (Pausa.) Não gosta?

MARLENE Visita... Que graça. Visita de cu é rola!

(Marlene gargalha, aparentemente insensível.)

MARLENE (Pausa.) Gosto. Gosto, sim.

EDDY Vim te ver. (Arranja uma desculpa para aproximar-se afetivamente. Há fascínio em Eddy.) Lembra dos dez paus que cê me emprestou? Falei que devolvia.

MARLENE (Simpática.) E precisava? Você tava duro, moleque... Aquilo foi presente.

EDDY Por que não falou? Tem tanto tempo que não ganho um presente, que...

MARLENE E eu? Presente... Tail! (Sorridente. Devolve os dez paus.) Só aceito os dez paus de volta se for presente, também. (Tem uma ótima idéia.) Compra uma planta pra mim. (Seca.) Folhagem, que flor colorida lá em casa não vinga. Basta eu! (Gargalha. Depois, mais lírica.) E verde é mais bonito...

EDDY (Olha para sua camisa, verde. Pausa.) Eu devia ter lembrado de te trazer o bagulho... Desde aquele dia que eu te prometi...

MARLENE (Muito agressiva, repentinamente.) Você não trouxe de novo?

EDDY Putz, Marlene, eu esqueci...

MARLENE (Áspera.) Assim é foda!

EDDY Da próxima vez, prometo.

MARLENE Caralho! Tô cansada demais, cara... (Triste.) Rua toda noite... Toda noite... A noite toda. Chega uma hora que atola a gente... Não te custava nada.

EDDY Eu sei. Desculpa, ué... (Tenta arrumar a situação.) Mas o bagulho não é muito bom, não. Eu te falei...

MARLENE Pelo menos é de graça. Desgraça por desgraça melhor a que for de graça!

EDDY Te falo isso porque, pra mim, não adiantou de nada... Senão, não estava aqui, agora...

MARLENE Mas tem tanto tempo que eu quero isso... O tanto que eu sonhei! Desde menina... Não vou atrás porque... (Acende um cigarro.) Canso. Mas sempre quis. Mas eu canso... Antes, eu pensava: quando eu crescer, eu vou estudar: quero fazer um curso de cabeleireira... E quando aparece um de graça, que cê tem o contato, você não traz o endereço do bagulho... Qual é?

EDDY Não é endereço. O endereço eu sei. Posso te falar. É telefone.

MARLENE Endereço nem adianta. Vou bater perna pra chegar até lá pra dar com os burros n'água... Tô cansada, cara. Já falei! Ah, vai te catar!

EDDY (Com verdadeiro interesse, discreto.) Nunca estudou, Marlene?

MARLENE (Ativa.) Tenho o primário. (Pausa.) Incompleto. (Ativa.) Dá pro gasto, uai! Cansei de continuar. (Despacha.) E minha mãe tinha cansado de me mandar pra escola. Falou tanto que... Cansou. Mais urgente era se livrar do meu pai. (Descompromissada.) Sorte que ela conseguiu trancar ele na cadeia. Quando me estupraram pela primeira vez, minha mãe aproveitou: foi na polícia e falou que tinha sido ele...

EDDY E não era?

MARLENE Nada. Tanta gente que me cometeu e cê acha que ia ser justo o coitado! (Triste, mas não muito.) Foi um outro velho que vivia me rondando lá no quarteirão. Depois, minha mãe casou com ele.

EDDY Com o mesmo? O que te cometeu?

MARLENE (Simple. Comentarista.) Mas minha mãe nunca gostava dos maridos, não... Acho que ela não dava muito certo com eles... Cansava. No fim, se

apaixonou por um cara lá da cadeia. Moço bom, parece. Depois desse, pegou aids.

Tonta!

EDDY Ela era nova, ainda?

MARLENE Nada. Já estava com quase sessenta. Agora, vai fazer setenta e dois.

(Silêncio.)

EDDY Cê vai na festa?

MARLENE (Mais para si que para Eddy.) E o que mais que tem no mundo?

XXIX. Blusa, 21h33

*1x20*

(Motel barato, na rua Rego Freitas, próxima ao Largo do Arouche.)

CÍCERO Tive sorte de estar lá. No começo da noite, nenhum boy está na esquina. Eles só chegam mais tarde...

PASTOR É esse preço mesmo?

CÍCERO Pode tranquilizar, moço. Estou precisando. Não passo ninguém pra trás, não.

PASTOR Beija?

CÍCERO Faço tudo. O senhor é passivo?

PASTOR Ativo. (Ativo.) Na verdade eu gosto de mulher. Homem é só pra passar o tempo.

CÍCERO Está certo. Não ligo de dar, não. Até gosto. Quando era moleque, eu dava pra todos os meus irmãos. Tenho seis... Cinco mais velhos. Pobre é assim.

PASTOR Como é ficar lá na rua, no frio?

CÍCERO Era bom se eu tivesse uma blusa, né?

PASTOR Uma blusa resolve? (Pega sua blusa e lhe oferece.) Fica com essa. Era da campanha do agasalho, mas eu achei bonita demais. Guardei, mas nunca uso com medo de que alguém reconheça...

CÍCERO O senhor trabalha com assistência?

PASTOR Bancário. Sou bancário.

CÍCERO Deve ganhar uma nota. Quando eu souber ler, eu queria ser bancário também. (Triste.) É só com dinheiro que as coisas acontecem do jeito que a gente quer... O senhor, por exemplo... Gostou da blusa, ficou com ela. Hoje quis gastar tempo comigo. Tá vendo? (Pausa.) Comigo é mais difícil, mas tem que agüentar. Não dá pra voltar pra casa, se bem que nessa cidade não me cabe direito. (O Pastor vai chegando por detrás de Cícero. Coloca uma das mãos em seu ombro, num carinho duro. Vai beijar-lhe a nuca.) O senhor já reparou no metrô?

XXX. Paz, 22h10

*(Na delegacia, um policial faz a barba do companheiro. Fim de expediente. Um deles fuma um cigarro, cansado. O outro, quase dorme.)*

POLICIAL 1 Tô com um sono da porra!

POLICIAL 2 Duro é que eu tenho insônia... Toda noite! Não sei dormir.

POLICIAL 1 Toma cachaça. Dizem que relaxa... E o sono vem... Calmo...

Que nem a brisa do mar... Um sono da porra!

POLICIAL 2 *(Inicia um monólogo paralelo, com pouco interesse pelo sono do outro.)* Será que vão foder com a gente?

POLICIAL 1 Mais ainda? *(Ri, solitário. Boceja.)* Tô cagando... Fico contando no relógio a hora de acabar o turno... Isso é que fode!

POLICIAL 2 Moleque filho da puta! Parecia que não tinha ânimo pra mais nada! E correu daquele jeito... Quem pegava?

POLICIAL 1 Pior é o sono... E você queria mostrar a história pra essas disgrama de jornalista...

POLICIAL 2 Ainda bem que não tinha registro de nada. Fica elas por elas... Ninguém precisa saber quem é preso, quem não é! *(Mais otimista.)* Quem sabe o viadinho não mata mais uns vira-latas desses... Faz o serviço da gente. Pelo menos, facilita!

POLICIAL 1 Na folga, tô pensando em ir pra Santos. A molecada fica doidinha... De terça-feira a praia está vazia... Uma paz que só vendo... Pego a Belina do cunhado, encho ela de moleque e rumo pro Boqueirão, pra brisa do mar. Um dia inteiro na paz... *(Um pensamento voa-lhe pela cabeça.)* Verdade que interditaram? *(Conclusivo.)* Mas moleque não liga...

POLICIAL 2 Ah, se eu cruzo de novo com o desgraçado... Não foge de novo... Estouro a nuca do moleque com um trinta e oito e deixo ele na paz... Uma paz que só vendo... Jogado no mato... Formiga na boca... Lá em Santos. Na brisa do mar... *(Sério.)* Te dou até carona.

POLICIAL 1 Podia ser... Mas eu gosto mesmo é de ir com a molecada.  
*(Tempo.)* Mas pode ser... Santos é bom em qualquer dia.

XXXI. Os Pássaros, 22h22

*(Em cantos diferentes da cena, Rosa e Maria refletem, sozinhas. Cena épica, como se entoassem uma música/depoimento, feita de pensamentos falados.)*

MARIA *(Sozinha.)* Eu fico com ódio de deus quando o meu menino sai!  
ROSA *(Sozinha, com uma tristeza sorridente.)* Voa, passarinho, voa.  
MARIA Talvez ele encontre com deus por aí...  
ROSA Mundo não tem ninho, passarinho.  
MARIA Um deus perdido no mundo.  
ROSA Eu fico aqui, vendo como é bonito o teu vôo.  
MARIA Mas por que eu não vejo? No mundo eu não vejo...  
ROSA Ninguém precisa ver o teu vôo, passarinho. Voa quieto, voa...  
MARIA Um dia... Um dia meu menino me diz! Um dia ele me mostra aonde é que ele se encontra com deus.  
ROSA No silêncio... Na escuridão... Voa... Voa... Quanta liberdade, passarinho... Voa! Um dia, eu aprendo com você... Voa...  
MARIA Mostra... Um dia ele me mostra! Por enquanto, pode sair...  
ROSA *(Rapidamente desesperada.)* Vai voar? *(Rancorosa.)* Desgraçado!

XXXII. Fantasia, 23h09

*(Leila e Abel arrumam-se para sair. Maquiam-se, com a imagem da Santa Ceia - deformada, mas reconhecível -, ao fundo.)*

ABEL *(Diverte-se. Abraça Leila por trás.)* Esse povo todo acha que a gente é doida! Uma menina linda como você, que me ama...  
LEILA *(Interrompendo o batom, que está em sua boca.)* Susto por pouco! Só porque a menina linda ama um travesti?  
ABEL Socorro! Não fala assim que até eu me assusto! *(Ri, afetadíssima.)* Menina com travesti? *(Tempo clínico, mentirosa.)* Lésbicas... Nós somos lésbicas.  
LEILA E o seu pau?  
ABEL *(Aquedando o cacete entre as pernas.)* É seu! Não meu! *(Mostra a virilha, sem volume.)* Viu?

*(Gargalham. Estão sempre próximas. Pausa.)*

ABEL *(Aquieta-se. Pensa.)* Mas você acha que nós somos doidas?  
LEILA Não sei. Só sei que a gente é feliz... Tão bom... É tão gostoso acordar junto, olhar no canto do seu olho.

*(Trocam um olhar.)*

ABEL Tá louca? E as remelas? *(Riem.)* Me passa o rímel? Eu ia gostar se um dia um bando de gente tivesse coragem para vir aqui e sentar na nossa mesa. Ia ser bonito se ceassem nessa nossa mesa. Como a gente faz, todos os dias...  
LEILA A santa ceia com o demônio na cabeceira!  
ABEL Ué... Ninguém vai à casa do diabo sem ter rabo!  
LEILA Você acha que alguém viria?  
ABEL *(Desbocada.)* Todos os dias, na rua, eu abro as minhas portas para receber as visitas. *(Indica o seu corpo.)* No meu castelo, entra quem quer... E en-

tram. Entram, sim. Mas porque as minhas portas estão abertas... Como eu disse, ninguém vai à casa do diabo sem ter rabo!

*(Riem, sem ciúmes.)*

LEILA Então, vamos deixar sempre as portas abertas... E eu digo pra quem tiver ouvido que é uma fantasia divertida sentar nessa nossa mesa, na santa ceia só nossa, em que até o demônio tem medo de sentar na cabeceira... Coisa divertida! E que só não entra quem não quer!

ABEL É por isso que eu rio! Dou risada mesmo... Sem medo de nada...

XXXIII. Diet's party, 23h59

*fx 22*

*(Apartamento de Lady Diet. Móveis afastados e badulaques dependurados para a festa. Nada esconde nem está perto, entretanto, dos pôsteres de Garbo, Monroe, Duncan, Novak e Ru Paul. Há gente por ali, mas muitos estão ainda por chegar.)*

LADY DIET São Paulo não é tudo? *(Conclusiva.)* Tudo! Sabia que aqui no prédio tem um travesti que namora com uma sapatão? Há anos... *(Mostra um papelote.)* Já pegou?

MARLENE Ainda não. Cê tá muito carcereira!

LADY DIET *(Grossa.)* Pega na rua! Ninguém te convidou pra pegar o padê comigo! Do meu perfuminho cheira quem quer, tipa!

*(Diet afasta-se. Marlene passa por Fernanda e Patrícia, que observam, esquálidas.)*

PATRÍCIA Tô me sentindo deslocada... Todo mundo vai perceber a gente...

FERNANDA Faz cara de acabada! Funciona. Se não fosse esse teu cabelo...

PATRÍCIA Que é que tem ele?

FERNANDA Lavadinho. Penteadinho. Não reparou que aqui só se usa meio ensabado?

PATRÍCIA Posso ir embora pra não te atrapalhar! A gente nem sabe se é aqui...

FERNANDA O Zé não falou?

PATRÍCIA *(Mais agressiva do que de costume.)* E o que aquele bostinha fala se escreve?

FERNANDA Olha lá... É o travesti podião do show de ontem à noite.

PATRÍCIA Que deus me livre!

FERNANDA A gente vai saber, tô te falando!

PATRÍCIA E vai adiantar pra quê?

FERNANDA Não sei... Cada pergunta! *(Triste.)* Eu só queria saber...



*(Afastam-se de Diet. Não querem ser reconhecidas.)*

LEILA Hoje ela não está dando nada. Até o rabo ela vende pra pagar o aluguel!

MARLENE Tô tremendo já. Preciso logo!

LEILA Puta... Viciada... Que mais? Vai ter best seller da tua vida!

MARLENE Porra! Só tem gente dura aqui... Até crack eu tô topando!

LEILA *(Trama.)* Marlene... Olha lá. O baianinho que a Diet hospedava... É da casa, deve ter comissão por favores prestados.

MARLENE Chegou com um tiozinho bem boa pinta. Você acha que rola, Leila?

LEILA Cai matando. Mas não assusta!

*(Leila sai. Marlene vai até Cícero.)*

MARLENE Como tá a rua, Ciço?

CÍCERO Não sei nada de rua. Não sou disso!

MARLENE Tem pó?

CÍCERO Só peguei um pouco. Não dá pra dois.

MARLENE Na rua...

CÍCERO Não tem nada de rua!

MARLENE É... Se tivesse rua, a farinha rendia pra dois... *(Falsa.)* Tô ficando rica com meus esquemas, sabe...

CÍCERO Volto lá pra cima no mapa mas não vou pra rua... Fico sem dinheiro mas não me sujo!

MARLENE *(Acaricia-o pelo colarinho.)* Blusa nova? Bonita, de marca.

CÍCERO Ganhei.

MARLENE *(Aponta para o pastor.)* Do bofão que você trouxe contigo? Nada na grana, não nada?

CÍCERO Se manca! Não trouxe ninguém comigo!

MARLENE *(Chantagista, muda de assunto.)* Ai... Eu estava falando com a Diet agora. *(Mentirosa.)* Falamos horas sobre você...

CÍCERO De mim? Ela falou de mim?

MARLENE Por meio papel eu te passaria a ficha todinha... Como você não tem...

*(Marlene afasta-se, estrategista. Cícero não sabe o que fazer. Vai atrás dela.)*

LADY DIET *(Canta.)* "I wish I could be faster than the velocity of this light... Give me your hand and let's take a walk on the shoreline..."

*(Cheira um pouco de coca com a unha do mindinho. Umás duas pessoas a seguem.)*

LADY DIET Muito axé, Eddy?

EDDY Dando pra viver...

LADY DIET Artista é assim... *(Cínica e enfática no duplo sentido barato e agressivo.)* Sempre dando pra viver... Eu, como não sou artista, continuo na miséria...

EDDY É. A gente paga as contas. Não preciso dar festinha no final do mês.

LADY DIET Quem me dera fazer arte nos tempos de hoje... Tem uma coisa de rebeldia, né? Algo marginal... Aquelas bundas tremidas, braço pra cima e pra baixo... Tem um nervosismo realmente transformador! Meu cu, Eddy!

*(Diet solta uma gargalhada e sai. Eddy segura o punho para não socá-la. Nina se aproxima. Pastor, já bastante bêbado, aproxima-se de Abel.)*

PASTOR Você acredita em deus?

ABEL Deus? *(Tempo. Perde-se na memória de um tempo distante.)* Pra que a pergunta? Tá carente? *(Tempo. Sacana.)* E você? Acredita em mim?

PASTOR *(Horrorizado.)* É a mesma coisa?

ABEL Acredita ou não acredita em mim, porra?

(Silêncio.)

PASTOR Não sei.  
ABEL (Entre risos, cínica.) Nem eu!

(Abel vai sair, quando vê que o assunto não vai pra nenhum lugar.)

PASTOR Você conhece o Cícero? Aquele menininho...  
ABEL (Volta-se, rápida.) Paga, que cê leva! (Tempo.) Mas, se quiser mesmo, não paga. Dê uma volta com ele. Pergunta coisa divertida... Deixa ele feliz.  
PASTOR Será que ele acredita em mim?  
ABEL Cê, por acaso, é que nem deus ou que nem eu, pra ele ter que duvidar?

(Abel sai. Cícero passa. O Pastor pega-o pelo braço. Vai falar uma coisa e perde a fala. Não consegue.)

PASTOR Deixa pra lá.  
CÍCERO Cansou de falar? Trem esquisito!  
PASTOR (Tempo.) Você acredita em deus?

(Cícero fica com uma cara de incompreensão. O Pastor vai para um canto, olha para o nada.)

CÍCERO Homem doido!

(Ainda irritado com a Diet, Eddy anima-se com a surpresa que é a presença de Nina.)

EDDY Pra quem disse que não vinha...  
NINA Não torra! Tô com o humor na sola do pé!

EDDY Ih... A leoa não precisa rugir que o Leo ainda não chegou!  
NINA (Desarmada.) Vai vir? Ele te falou?  
EDDY O Leo eu não sei, mas o teu pardalzinho está vindo pra cá agora...

(Eddy sai, com uma antipatia toda sua. Pardal se aproxima, entusiasmado.)

PARDAL Nina! (Vai beijá-la. Ela afasta o rosto.) Não quer meu beijo?  
NINA Cheirei! Detesto beijo com cocaína!  
PARDAL Tá nervosa por causa de ontem? (Olhando para os lados, um tanto nervoso.) Alguém sabe do Juca?  
NINA (Fala baixo.) Fecha o bico! Ninguém sabe nem vai saber!  
PARDAL E o Leo? Vai sentir a falta dele... E o Zé? Sabe do Zé?  
NINA (Apática.) Esquece! Não tem importância. Nem penso nisso...  
PARDAL Quer que eu apague o Leo?  
NINA Esquece o Leo! (Finge vivacidade.) Não tô aqui pra festejar o dia dos mortos! (Evasiva.) A Diet vai fazer show...  
PARDAL (Olha em direção à porta.) Será que o Leo vai dançar no show dela? Acabou de chegar...  
NINA (Gela-se. Leo entra, cumprimenta alguns. Não demonstra alegria. Nina vira-se de costas para ele. Entredentes.) Sai de perto de mim!

(Pardal sai, irritado, de perto de Nina.)

LADY DIET Leo! Tudo! Tá bom?  
LEO Não... (Pausa, repensa.) Tô bem.  
LADY DIET Tá bom mas não tá bem?  
LEO Eu alegre... (Vazio. Pausa.) É só alegria. Mais nada.  
LADY DIET Nada? Felicidade, nunca?  
LEO ...  
LADY DIET (Transfigurada.) É como eu. (Funga o nariz e se recupera imediatamente.) Nina! Nina, olha quem acabou de chegar... Vou deixar os dois a sós, por-

que eu, bicuda, não sou arruela pra ficar entre um parafuso e o seu pequeno buraquinho! Se quiserem uns sacolés, só estou fazendo à vista!

*(Lady sai.)*

NINA *(Fica um tempo sem saber o que dizer. Tensa.)* Quer pó?

LEO Não. Tô limpo.

NINA *(Fugidia.)* Eu quero. Te vejo depois.

*(Vai sair dali. Leo a segura pelo braço.)*

LEO Cadê o Zé?

NINA Não ando com noiado!

LEO Eu quero saber do Zé!

NINA *(Magoada.)* Tá com saudade dele, Leo?

LEO *(Alto.)* O que aconteceu depois que eu fui embora?

NINA Foi embora porque quis! Por que não ficou? Saberá... Mas tem medinho de aventura! Não voa... Tem essa bunda mole...

LEO *(Mais alto.)* Me fala do Zé!

NINA Cê tá me machucando!

LEO *(Já gritando.)* Fala!

*(Todos na festa olham. Pardal se aproxima, irritado.)*

PARDAL Solta ela, ô, bichona!

LEO Eu quero saber sobre ontem.

PARDAL Você não quer saber nada!

LEO Canalha!

PARDAL *(Ameaçador.)* Canalha que apagou um não se importa de dar sumiço em outro, falô?

LEO *(Como se um bonde tivesse caído em sua cabeça.)* Apagou? Apagou como? Quem? *(Desesperado.)* Fala!

NINA *(Para Pardal.)* Cale a boca, idiota!

LEO Fala! Não foi macho pra fazer? Seja macho de falar!

*(Leo está exaltado. Lady irrompe para acalmar os nervos.)*

LADY DIET Epa! Aqui na minha casa não tem essa de macho, não senhor! Macho aqui é só o espírito santo, que eu tô passando baratinho, no saquinho, tá? Briga é lá fora, do corredor pra lá!

LEO Eu só quero saber sobre o Zé...

LADY DIET Então liga o rádio em outra estação, cherry, que meu bunker não é de noticiário, viu? Aqui, hoje, é só música e outras coisinhas divertidas!

LEO Escuta... Ele disse que apagou um cara!

PARDAL Mentira! Esse cara inventa...

*(Mané, jogando lenha na fogueira.)*

MANÉ Ué, Pardal, num me falou que tinha apagado? *(Tranqueira.)* Ou é mentiroso ou tá mijano na arvinha! Tava todo-todo, dizendo que fuzilou o camaradã...

*(Pardal silencia.)*

LEO Filho da puta!

*(De repente, a porta se abre e Zé aparece. Leo, Pardal e Nina ficam paralisados. Os outros os observam, sem entender.)*

LEO Zé!

*(Leo corre até a porta e abraça Zé. Abraço demorado.)*

LEO Zé! Você está bom? Está inteiro! Parece que apanhou...

ZÉ *(Feliz.)* Não foi nada... Escapei dos cops quando os filhos da puta queriam me levar pra Febem, meu! São uns fodidos! Febem... Tô fora daquele inferno! Cai uns tombos e abri as feridas da surra que tinha tomado... Só isso! E aí?  
*(Olha para Lady Diet.)* Tá aberta a porta deste inferno? Me interessa muito mais...

LEO *(Fraternal.)* Polícia? Por que se meteu com polícia?

ZÉ *(Desencanado.)* Sei lá... Não me lembro. Me acordaram e me levaram... O Juca é que ficou caído por lá...

LEO *(Cai sentado num sofá velho. Pálido.)* O Juca?

*(Pardal e Nina se misturam na festa. Leo fica sentado, imóvel. Zé cumprimenta muita gente, animadíssimo.)*

ZÉ Tem farinha? Só se for de graça, véio!

*(Zé cumprimenta alguns amigos pela festa. Lady Diet se aproxima de Cícero.)*

LADY DIET *(Sobre o pastor.)* Eu tinha certeza que você se arrumava! Estava te testando... Despencou no ranking. Não volta com papo de anjinho pra cima de mim, falô?

CÍCERO A Marlene me falou umas coisas... Você se faz de durona comigo, mas me ama...

LADY DIET Isso de amor não existe... Não te contaram? Dá no jornal... Se você soubesse ler!

CÍCERO *(De um modo ainda não visto.)* Sabe que às vezes você me cansa? Até desconhecido de michê me trata bem! Você acha que eu preciso desse teu jeito de humilhar? Eu quero outra coisa. Gente que fale comigo, que me trate bem! Nem de droga eu preciso! Preciso de gente que fale direito comigo.

LADY DIET Uau! Que bicho! Vou começar a gostar de você...

CÍCERO Vou pra outra, tombada! Tchau... Toma cuidado pra não se deprimir do lado de tanta foto de mulher bonita na parede!

*(Cícero sai. Fernanda e Patricia se aproximam de Leo, que continua sentado no mesmo sofá, incrédulo.)*

FERNANDA Você é o tal do Leo?

LEO Dá um tempo!

FERNANDA Me deixe dizer. Nós somos jornalistas... Quer dizer, estudantes de jorn... A gente achava que você estivesse morto... E agente queria saber como é que tinha sido, pra...

PATRÍCIA A gente só queria saber... Nem que não servisse pra nada.

FERNANDA O que aconteceu ontem? Quem é esse tal de Juca?

PATRÍCIA A gente pode ajudar...

*(Leo os observa friamente.)*

LEO Não aconteceu nada ontem à noite.

FERNANDA Como não? Todo mundo viu a discussão! Falaram de um Juca...

LEO *(Incisivo.)* Não aconteceu nada. Nunca acontece...

FERNANDA Aquele menino, o Zé...

LEO Fica na tua, falô! Não tem Juca! Não tem Zé! E não vai ter vocês duas também, se não saírem rapidinho de perto de mim, sacou?

*(Após um silêncio constrangido, Fernanda e Patricia saem de perto dele, assustadas. Mané chega junto de Marlene.)*

MANÉ Pô, tanta puta baranga por aí... Você tá foda ainda! É... Mulherão! Depois de véia começa a cair, mas você tá segurando as pontas. Nunca vi!

MARLENE *(Muito feia.)* Tomo meus cuidados. Quando dá até pinto o cabelo... Diz que cabelo pintado dá sorte pra puta! *(Olha-o nos olhos.)* Tá sozinho?

MANÉ Sou noivo, mas não tô capado. Hoje tô com a vara estourando a cueca. Gosta de pintão?

MARLENE *(Coquete.)* Eu não. Dói...

*(Marlene puxa Mané em direção ao banheiro. Pardal se faz de gostoso com Fernanda e Patrícia.)*

FERNANDA Olha. A gente não vai publicar nada... A gente queria entender um pouco daqui desse mundo...

*(Patrícia toma nota de tudo.)*

PARDAL Então, a Nina... Aquela ali. Ela que chegou com a binga... Tô amarrado nessa mulher, cara! Eu queria ser o primeiro, né... Fui. Atirei. O tambor tava vazio. O Leo, aquele outro lá, ficou assustado comigo. Tem medo, essas coisas. É um molóide! Saiu correndo. Já viu isso? É por isso que ele não viu... Por isso teve o quebra-pau que vocês viram. Aí foi o Juca. Pegou a pistola. É... Ele não deu muita sorte, cara...

*(Leo olha para Pardal enquanto escuta a história que ele conta. Sorri, triste. Sai, chutando uma lata.)*

XXXIV. Segredos, 01H12

fx 23

*(Mesmo paredão pichado do início, na Praça Roosevelt. Leo, Nina, Pardal, Zé e Cícero estão deitados no chão, circularmente. Descansam. Quase não dialogam. Quase sempre falam para si mesmos.)*

ZÉ Viver em São Paulo é um dia atrás do outro... Nem falar é muito bom por aqui. Não tem eco... A gente fica calado, parado. Não tem nada pra fazer...

NINA Arranja-se o que fazer. Com cocaína...

CÍCERO Nada aqui me cabe direito. Não dá pra ser herói. Mas agora eu tenho uma blusa. O frio é menor de enfrentar. Eu queria que aqui tivesse mais do que frio.

LEO É. Só que a gente não pode mudar o mundo...

PARDAL *(Espreguiça-se.)* Fica como está...

LEO *(Inconformado, mas parado.)* Como está. Fica tudo como está...

*(Zé se levanta, olha para o céu poluído. Respira fundo. Cícero, após um tempo, olha-o, curioso.)*

CÍCERO Cê tava com a polícia?

ZÉ Tava.

CÍCERO *(Medroso.)* Como é? Bateram muito?

ZÉ A gente resiste...

CÍCERO Tenho medo de quando me levarem...

ZÉ Eu também tive. Fiquei pensando no Leo...

CÍCERO Você gosta dele, não é?

ZÉ É... Mas ele nem me dá bola... Acho que é a Nina a dona da cabeça dele.

CÍCERO Eu também penei nas mãos da Lady... Mas ainda tem vida por aí.

ZÉ Tem. *(Tempo.)* Tá frio...

CÍCERO *(Dá a blusa, que ganhara no michê.)* Toma pra você.

ZÉ E você?  
CÍCERO Eu me agüento...

*(Neste momento, Zé olha para Cícero e ambos sorriem um para o outro, como se nunca tivessem se reparado.)*

ZÉ Vamos dar uma volta? É bonito de andar de madrugada no minhocão. *(Cícero fica num silêncio duvidoso.)* Vem comigo.

CÍCERO Eu vou. Mas... É. *(Pena para falar.)* Tô cheio de ser maltratado. *(Tempo.)* Não me faz sofrer mais.

*(Olham-se. Sorriem. Zé dá um beijo no rosto de Cícero.)*

ZÉ A gente se agüenta enquanto der...

fim

fx 24

há muito tempo deixou de ser azul

Se um dia o mundo parasse e olhasse para Leo  
talvez o mundo mudasse  
Então Leo não precisaria mais se esconder  
Nem pintar, desenhar, escrever  
Mas aí Leo deixaria de acreditar

E se isso acontecesse  
então coitado do mundo  
Ele jamais conheceria a alma de Leo.

